

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

NATÁLIA FABRO PERONI

**PAPEL DO PEDAGOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA FALA
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

CAXIAS DO SUL

2021

NATÁLIA FABRO PERONI

**PAPEL DO PEDAGOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA FALA
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

Trabalho monográfico apresentado como avaliação para a Graduação em Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter

CAXIAS DO SUL

2021

NATÁLIA FABRO PERONI

**PAPEL DO PEDAGOGO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA FALA
DAS CRIANÇAS PEQUENAS**

Trabalho monográfico apresentado como
avaliação para Graduação em Pedagogia
na Universidade de Caxias do Sul.

Caxias do Sul, 07 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter – UCS

Avaliador: Profa. Dr. Delcio Antônio Agliardi – UCS

Avaliadora: Prof. Dra. Flávia Fernanda Costa – UCS

“A criança começa a perceber o mundo não apenas através de seus olhos, mas também através de seu discurso”.

Lev Vygotsky

Dedico este trabalho ao meu filho Pedro Gabriel, que foi a chave para a escolha da temática e por ser meu ponto de partida todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros e intensos agradecimentos aos meus pais José Luiz Peroni e Janete Fabro Peroni, que foram meus maiores incentivadores desde o início da vida e acreditaram no meu potencial como acadêmica e professora. A eles dedico tudo que conquistei até aqui, pois sempre me auxiliaram de todas as maneiras possíveis, tanto financeiramente quanto com carinho e aconchego para que eu chegasse onde cheguei.

Agradeço ao meu marido Gabriel Pelissaro de Vargas, que entrou na minha vida no início da graduação, e desde lá esteve ao meu lado em todos os momentos. Se deslocava até a UCS nos dias mais frios de inverno para me encontrar depois das aulas quando ainda não morávamos juntos. Apoiou, incentivou e opinou em todos os meus trabalhos, aulas e momentos de cansaço, em especial na realização desta pesquisa, compreendendo a minha ausência, dando a mão e forças para continuar, encorajando-me bravamente a lutar pelos meus ideais.

Meu maior agradecimento ao meu filho Pedro Gabriel, que chegou na minha vida quase no final desta caminhada, e me fez entender toda a força que tinha dentro de mim. Participou ativamente de todos os meus estágios, esperava-me com olhinhos de saudades nos finais de todas as noites nas quais eu me ausentava para estar na Universidade. A ti, meu filho, dedico toda essa trajetória, que apesar de difícil, sempre foi pensando em você, no seu futuro, e em todo o amor que tenho por ti.

A minha amiga e colega Luana Shaiane Lopes Varela, que iniciou a graduação junto comigo e dividi os maiores momentos desta trajetória. Enfrentou comigo os dias frios, os pastéis nos minutos de intervalo, os infinitos trabalhos e atividades e, principalmente, a melhor amizade que eu tive a honra de conquistar. Amizade que me presenteou com uma afilhada linda, que tem o doce nome de Maitê.

Aos demais colegas que convivi intensamente durante os últimos cinco anos e meio, pelo companheirismo e trocas de experiência. Por todos os momentos compartilhados ao longo deste percurso que me fizeram crescer como pessoa, acadêmica e profissional.

Agradeço à minha orientadora e até então coordenadora do curso de Pedagogia, Cristiane Backes Welter, por toda dedicação e carinho ao longo da graduação, em especial no Estágio I e neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Eternamente grata por todos os ensinamentos, ajuda e paciência como guia nesta trajetória.

Aos demais docentes da Universidade de Caxias do Sul que nunca mediram esforços para dividir o conhecimento em busca de uma educação com maiores significados. Certamente levarei um pouquinho de cada um para trilhar meu caminho como pedagoga.

À Universidade de Caxias do Sul, por sua grande e excelente estrutura, que foram essenciais para o meu processo de formação, assim como conhecimento científico compartilhado ao longo desses anos.

E por fim, agradeço a Deus pela vida, e por ter conseguido alcançar todos os objetivos nestes anos de estudos. Que meu deus forças para encarar os obstáculos e me manter de cabeça erguida nos mais diversos momentos. Gratidão pelo privilégio de ter cursado o curso dos meus sonhos e poder fazer parte desta profissão tão linda e desafiadora.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo apresentar o resultado da pesquisa realizado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e teve como intuito entender o papel do pedagogo no processo de desenvolvimento da fala de crianças pequenas, de 04 e 05 anos, pertencentes a etapa da pré-escola na Educação Infantil. A temática foi escolhida a fim de entender como ocorre o processo de construção da fala, março de desenvolvimento tão significativo da infância, bem como identificar como o pedagogo pode auxiliar nesse processo. A metodologia empregada será fundamentada através da pesquisa qualitativa, com ênfase na pesquisa bibliográfica e no Discurso do Sujeito Coletivo, técnica idealizada por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2005). A pesquisa foi realizada por meio de um questionário semi-estruturado, respondido por 13 professores atuantes da pré-escola. Os principais apoios teóricos que contribuíram para a análise dos dados obtidos na pesquisa foram: Juliana Trentini (2018), Jean Piaget (1983), nas escritas de Adrián Oscar Dongo Montoya (2006), Fernanda Dias (2010) e Ana Caroline Lima e Jaíne Prislaine Alves (2016), além dos principais documentos normativos que embasam a educação brasileira. As conclusões deste estudo apontam que as dificuldades na fala prejudicam em diversos fatores as crianças, tanto nos aspectos cognitivos, sociais e de interação, como no processo de ensino-aprendizagem. Foi possível observar como um trabalho constante e significativo por parte dos pedagogos em sala de aula abre caminhos para estimular o desenvolvimento da fala, vinculadas também, ao empenho de profissionais especializados, que em parceria com a escola realizam proposta pedagógica em conjunto.

Palavras-chaves: Desenvolvimento da fala; Crianças pequenas; Pré-escola; Pedagogo; Estímulos.

LISTA DE SIGLAS

DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
IAD	Instrumento de Análise do Discurso

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo	39
Gráfico 2 - Idade.....	40
Gráfico 3 - Formação	40
Gráfico 4 - Tempo de docência na educação em geral.....	41
Gráfico 5 - Tempo de docência na etapa pré-escola.....	41
Gráfico 6 - Administração de escola.....	42
Gráfico 7 - Identificação de crianças com dificuldade na fala.....	46
Gráfico 8 - Destinação de momentos para trabalhar a fala	49
Gráfico 9 - Conhecimento sobre dificuldade na fala.....	57
Gráfico 10 - Relação entre escola e família.....	64
Gráfico 11 - Acesso aos demais profissionais frequentados pelas crianças	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos participantes do questionário.....	43
Quadro 2 - Dificuldades na fala que as crianças possuíam.....	46
Quadro 3 - Atividades para potencializar o desenvolvimento da fala	49
Quadro 4 - Motivos para a dificuldade na fala	54
Quadro 5 - Dificuldades presentes no ensino-aprendizagem	57
Quadro 6 - Síntese das Aprendizagens.....	60
Quadro 7 - Aporte teórico destinado ao desenvolvimento da fala	61
Quadro 8 - Trocas entre os pedagogos e demais profissionais.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O QUE É A FALA?	15
2.1 PIAGET E A CORRENTE CONSTRUTIVISTA	16
2.2 ESTÁGIO PRÉ-OPERATÓRIO	18
2.3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A TEORIA DE PIAGET	21
2.4 DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS DE 04 E 05 ANOS.....	24
3 AS LEGISLAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO DA FALA	26
3.1 COMO A FALA É MENCIONADA NAS LEGISLAÇÕES.....	28
4 METODOLOGIA	36
4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	39
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	45
5.1 DIFICULDADE DE FALA NA SALA DE AULA	45
5.2 DIAGNÓSTICO E DESENVOLVIMENTO	53
5.3 ALÉM DA ESCOLA	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE I - TERMO DE ACEITE.....	73
APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO	74

1 INTRODUÇÃO

A escrita monográfica deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como requisito para a titulação de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), tem como finalidade entender qual o papel do pedagogo no processo de desenvolvimento da fala das crianças pequenas, de 04 a 05 anos, pertencentes a etapa da pré-escola na Educação Infantil. Esse conteúdo foi escolhido, tendo em vista a importância de compreender como a linguagem, em especial e a oralidade, é desenvolvida pelas crianças, e como esse processo contribui para o desenvolvimento integral do ser humano.

Temos ciência de que o processo da fala é algo natural do ser humano, porém pode acontecer alguns atrasos durante o desenvolvimento dela, que acabam por prejudicar o desenvolvimento integral da criança em diferentes áreas do conhecimento bem como a socialização e o aprendizado cognitivo. Dessa maneira, buscarei compreender de que forma o pedagogo pode contribuir para esse desenvolvimento, visto que as crianças passam boa parte do seu dia na escola, considerado um local social de estimulação de diferentes processos cognitivos e físicos, e percebendo o pedagogo como o profissional capacitado para o mesmo.

A motivação principal para a escolha desse tema foi o meu filho que está com quase três anos de idade, porém ainda apresenta um baixo repertório fonológico esperado para a idade. Em consulta com pediatra, otorrinolaringologista e fonoaudióloga houve um consenso desses profissionais sobre o desenvolvimento dele: estaria muito mais avançado se estivesse na escola, visto que as aulas estavam suspensas devido a pandemia da Covid-19. Dessa maneira, percebi como a escola faz uma grande diferença na vida das crianças em um sentido geral, mas também, no processo de fala, que parece pelo senso comum algo tão simples a ser adquirido em nossa vida.

A finalidade desta pesquisa está em compreender quais ações o pedagogo pode exercer dentro da sala de aula para contribuir com o desenvolvimento da fala das crianças pequenas, na etapa da pré-escola, tendo como base os principais documentos normativos da educação, autores especializados na área e falas de professores que atuam com esta faixa etária. Diante do que foi descrito, a pesquisa tem como título “Papel do pedagogo no processo de desenvolvimento da fala das

crianças pequenas”, visando esclarecer qual é a verdadeira função que o pedagogo pode desempenhar perante esse importante marco do desenvolvimento infantil.

Sendo assim, a questão que guiou a investigação desta pesquisa foi elaborada da seguinte maneira: Quais ações podem ser desenvolvidas pelo pedagogo a fim de auxiliar o desenvolvimento da fala nas crianças da pré-escola?

Enfatizo que os principais autores que colaboraram com a construção desta pesquisa são: a fonoaudióloga Juliana Trentini (2018), com a sua obra “Aprendendo a Falar”, que destaca as principais características da fala, como ela se desenvolve e como ocorre o processo de estímulo para a criança se tornar um falante; Jean Piaget (1983), Adrián Oscar Dongo Montoya (2006), Fernanda Dias (2010) e Ana Caroline Lima e Jaíne Prislaine Alves (2016), que desbravam a teoria de aquisição de linguagem segundo a corrente Construtivista de Piaget; bem como os principais documentos normativos que embasam a educação no Brasil, sendo elas: BNCC, LDB, DCNEI e RCNEI.

A opção metodológica tem como base os parâmetros da pesquisa qualitativa, com ênfase na pesquisa bibliográfica e no Discurso do Sujeito Coletivo, a partir dos estudos de Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2005). A investigação foi concretizada por meio de um questionário semi-estruturado online, através da plataforma *Google Forms*, especialmente para pedagogos que atuam na etapa da pré-escola na Educação Infantil.

Os objetivos específicos da pesquisa estiveram voltados para entender como ocorre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, como as orientações legais direcionam o papel do pedagogo para contribuir com o desenvolvimento da fala das crianças pequenas e qual a percepção dos professores da educação infantil sobre esse processo de desenvolvimento. A presente monografia divide-se em quatro capítulos, que especificarei a seguir.

No primeiro capítulo, denominado “O que é a fala?” apresento o conceito de fala nos seus mais diversos sentidos e como ela é produzida pelo nosso corpo. Dentro deste capítulo há três subtítulos, que exemplificam os estudos de Jean Piaget e a corrente construtivista, o estágio pré-operatório pertencente a esta corrente, como se dá a aquisição da linguagem nesta teoria e, por fim, qual é o desenvolvimento linguístico esperado para a faixa etária pesquisada.

No segundo capítulo, nomeado de “As legislações e o desenvolvimento da fala”, explicitarei como o desenvolvimento da linguagem é mencionado nos

documentos normativos da educação nacional, especialmente para a etapa da pré-escola na Educação Infantil e se os mesmos fornecem aporte para os docentes perante o assunto.

O terceiro capítulo apresento a metodologia escolhida para a presente pesquisa, mostrando como ela se desenvolve, os recursos utilizados, os passos realizados para a concretização da mesma, e ainda, o perfil dos participantes que responderam à pesquisa.

No quarto capítulo, desenvolvo a análise dos resultados obtidos em consideração a pesquisa qualitativa, realizada a partir de um questionário semi-estruturado, contendo questões abertas e objetivas sobre as contribuições do pedagogo no desenvolvimento da fala de crianças pequenas, com 4 e 5 anos de idade. A análise das respostas do questionário permitiram constituir dados que foram divididos em três categorias de análise, onde denominei: 1. Dificuldade de fala na sala de aula; 2. Diagnóstico e desenvolvimento; e 3. Além da escola.

Nas considerações finais, exponho os principais resultados e conclusões obtidas durante todo o processo de pesquisa acerca do papel do pedagogo no desenvolvimento da fala das crianças pequenas.

2 O QUE É A FALA?

Neste capítulo, explicarei como ocorre o desenvolvimento da fala, para situar o leitor sobre a origem, significado, como se dá seu desenvolvimento e a definição dos pesquisadores e teóricos no tema: Juliana Trentini e Jean Piaget.

Considerando o sentido literal da palavra, segundo o dicionário (2021) a palavra “fala” possui diversos significados que se interligam entre si, sendo alguns deles: ato ou faculdade de falar; voz, palavra, frase; expressão, comunicação, significado; idioma, dialeto, jargão; linguística atualização peculiar a cada pessoa, da capacidade geral da linguagem. Dessa maneira, podemos perceber que a fala está diretamente relacionada à comunicação e a linguagem, e essas ao desenvolvimento dos seres humanos. A pessoa é constituída pela interação consigo mesma e com o outro, como nos relata Bakhtin (2003, p. 141) que “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo”.

A voz é uma ação que expressamos desde o nascimento, e se apresenta de diferentes maneiras como: o choro, balbucio, grito, riso, entre outros. A primeira palavrinha costuma ser evocada por volta dos 09-12 meses de idade, e na grande maioria das vezes a palavra é “mama” ou “papa”, porém ainda sem atribuição de significados. Sendo assim:

A voz é produzida na laringe (garganta), um tubo que contém as pregas vocais (popular, cordas vocais). Ao inspirarmos o ar entra nos pulmões e as pregas vocais se afastam. Ao falar, as pregas vocais se aproximam, o ar sai dos pulmões e, passando pela laringe, produzem uma vibração. (GABANINI, 2003, p.01)

Dessa maneira, pode-se dizer que a fala e os sons que emitimos é resultado do equilíbrio da força de ar que sai dos pulmões e da força muscular da laringe. O som produzido nas pregas vocais passa pela faringe, boca e nariz, estruturas essas denominadas cavidades de ressonância. Ainda segundo Gabanini (2003, p. 01), “Os sons da fala são articulados na cavidade da boca, através de movimentos da língua, lábios, mandíbula, dentes e palato, modificando o ar vindo dos pulmões”. Porém, de acordo com Trentini (2018, p. 100), “é necessário que haja um nível de inteligência e cognição, além dos lobos cerebrais que recebem e articulam informações entre si”.

Para nós adultos, inspirados pelo senso comum, parece ser muito simples abrir a boca e sair falando, porém, a aquisição da fala é uma construção cognitiva

extremamente complexa em que a criança terá que passar por repetidas interações com a linguagem para que sua intenção comunicativa seja afirmada. Segundo Trentini (2018):

A fala é o ato motor de fonar sons em sequências reconhecíveis como palavras. A palavra é a soma entre significados e significante. Ela tem um sentido e uma forma, uma materialidade reconhecível, seja sonora – uma sequência de sons – ou escrita – uma sequência de letras. (TRENTINI, 2018, p. 91)

Com referência a isso, até os maiores especialistas no desenvolvimento da linguagem têm dificuldade de entender e explicar como uma criança pequena pode ser capaz de falar, uma vez que a fala é uma construção complexa, e as crianças precisam de um estímulo correto e eficaz para conseguir alcançar esse desenvolvimento.

Para uma criança poder entender o que você diz, ela precisa ter noções de alguns entendimentos de linguagem, ainda que não fale. Sem dúvidas a linguagem impacta na fala, a criança precisa usar os 5 domínios da linguagem para falar, ou seja: fonética, sintaxe, semântica, morfologia e pragmática. Mas o que nem todo mundo imagina é que a fala também impacta o aprendizado da linguagem, e esse desenvolvimento ocorre de certa forma em paralelo. (TRENTINI, 2018, p.101)

Existem inúmeras teorias que buscam explicitar como se dá a aquisição e desenvolvimento da fala. Nesse sentido, decido que irei me ater na corrente Cognitivista-Construtivista de Piaget (1983), por compreender que o conhecimento é construído pelo sujeito a partir de sua relação com o objeto.

2.1 PIAGET E A CORRENTE CONSTRUTIVISTA

Jean Piaget, idealizador do método Construtivista, possui diversas teorias sobre o desenvolvimento infantil, especificamente sobre a linguagem e o pensamento. De acordo com Dongo Montoya (2005), Piaget teve como objetivo resolver os problemas epistemológicos como: de que forma o sujeito conhece e cria explicações sobre o mundo? Para isso, realizou pesquisas psicogenéticas¹ sobre a origem e

¹ A teoria psicogenética de Piaget considera o desenvolvimento, segundo Chakur (2005, p. 291) “um processo de organização e reorganização estrutural, de natureza sequencial e ocorrendo em estádios independentes de idades cronológicas fixas”.

estruturação do conhecimento, para assim desvendar o papel da lógica e da linguagem.

É nesse contexto de preocupação teórica que se realizam os primeiros estudos sobre o desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança. A passagem do egocentrismo infantil para a objetividade e para o pensamento lógico encontra-se, segundo esse autor, estreitamente relacionada à linguagem socializada, isto é, à linguagem cujos termos e conceitos são compartilhados por todos os membros do grupo, a qual possui uma estrutura lógica. (MONTROYA, 2005, p.120)

As pesquisas de Piaget (1923/1924) manifestam que fatores sociais e culturais favorecem o desenvolvimento do pensamento e foram de grande importância para a compreensão do desenvolvimento cognitivo e essa última resultou na compreensão da Epistemologia Genética (1983), onde investigou as origens do conhecimento desde o seu princípio, através do Método Clínico por meio de uma escuta ativa, trazendo o percurso vivo que acontece na infância.

Em resumo, é o estudo da evolução dos processos cognitivos que o sujeito percorre para construir o conhecimento.

Qualquer ato de pensamento exige uma série de operações que só se produzem se vão sendo preparadas por atos que são interiorizados. Isto significa que Piaget buscou compreender o pensamento enquanto uma ação internalizada. Este processo deve utilizar dois mecanismos: a assimilação e a acomodação. O indivíduo incorpora o objeto enquanto meio de conhecimento, fenômeno este chamado de assimilação. Assim, o sujeito assimila o objeto. Em um segundo momento, o sujeito transforma sua estrutura anterior para incorporar o objeto já assimilado, o que é chamado de acomodação. (DIAS, 2010, p.03)

Dessa maneira, percebemos que, a fim de acomodar a compreensão ou um pensamento novo, é preciso que o sujeito desequilibre estruturalmente seus pensamentos, para conseguir se equilibrar novamente. Para Piaget (1983), o conhecimento vem sendo construído através das interações do sujeito com o meio, sem deixar de fora o que foi adquirido anteriormente.

A criança define a sua inteligência perante a sua interação com o mundo. Segundo Piaget (1983) os esquemas cognitivos vão se formando por meio da ação no mundo real e os atos biológicos são adaptações ao meio físico. A construção das capacidades intelectuais se dá, então, por períodos, e em cada período a criança desenvolve esquemas cognitivos específicos.

Piaget (1983) identificou quatro estágios de evolução mental nas crianças. Cada nível de pensamento e de comportamento se caracterizam de uma maneira exclusiva. Esses quatro estágios, identificados por Piaget (1983) são: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. Como a presente pesquisa se dá na faixa etária dos quatro (04) aos cinco (05) anos, idade pré-escolar, na Educação Infantil, contemplarei de forma mais aprofundada o estágio pré-operatório, por compreender que esse estudo permitirá ampliar minhas compreensões a respeito do desenvolvimento da linguagem oral.

A aprendizagem ocorre com mais facilidade quando existe o entendimento do pedagogo sobre qual o período de pensamento a criança de 4 e 5 anos está. Caso contrário ela poderá aprender de maneira pouco significativa, e entrará num processo de repetição vazio, sem fundamento cognitivo para si. Dessa maneira, significa-se a importância dos estudos dos estágios do desenvolvimento, onde a inteligência é construída a partir de ações práticas do dia a dia.

Neste momento do estudo, focarei a explicação no segundo estágio do desenvolvimento, denominado pré-operatório, que ocorre entre os dois e os sete anos de idade, marcado, principalmente, pelas aquisições simbólicas e relações de causalidade. Estágio este que tem seu marco inicial nas crianças da pré-escola, e que é a etapa na qual esta pesquisa está se aprimorando.

2.2 ESTÁGIO PRÉ-OPERATÓRIO

Tendo a capacidade de representação como a principal característica dessa etapa, de acordo com Piaget (1983) o estágio pré-operatório acontece entre os dois e os sete anos de idade, apresentando uma série de condutas, reduzindo a dependência exclusiva do adulto. O egocentrismo se faz presente, pois a criança ainda não conseguiu se colocar no lugar do outro. Neste estágio, podemos citar algumas aquisições que são desenvolvidas, sendo elas, segundo Dias (2010): imitação diferida, jogo simbólico, desenho, imagem mental e a evocação verbal – linguagem falada, sendo essa última, o principal motivo desse estudo.

A evocação verbal, conforme Lima e Alves (2016) é constituída quando a criança reproduz sons sem a representação do modelo (adulto), e logo depois evoca

palavras não existentes, mas que tem algum significado, em consonância com os gestos e as imagens mentais.

Na linguagem falada, que tem seu marco inicial por volta dos dois anos de idade, a criança começa a emitir palavras com seus devidos significados, operando-as como símbolos.

[...] Progressos do pensamento representativo em relação aos esquemas sensórios motores são, na realidade, devidos à função semiótica em conjunto: é ela que destaca o pensamento da ação e cria, portanto, de algum modo, a representação. Cumpre, reconhecer que, nesse processo formativo, a linguagem desempenha papel particularmente importante, pois [...] a linguagem já está toda elaborada socialmente. (PIAGET, 1970, p.364).

Dessa maneira, segundo Piaget (1970), a inteligência da criança tem seu sucesso devido suas ações anteriores, ou seja, da forma como os estágios de idades anteriores foram desenvolvidos e concretizados. Um elemento principal para a compreensão da inteligência da criança é a ação com o meio, apontando que existe um conhecimento da criança que precede sua ação.

Nesse estágio, como a criança passa a se desvendar sozinha, caracteriza-se o período do egocentrismo. Segundo Piaget (1983), a criança, inconscientemente, tende a atrair tudo para si, achando que é o centro do mundo, não conseguindo se colocar no lugar do outro. O pensamento torna-se estático, captando estados momentâneos, sem se integrar no todo.

[...] implica a noção de centração e descentração, isto é, a capacidade da criança de considerar a realidade externa e os objetos como diferentes de si mesma e de um ponto de vista diverso do seu. O egocentrismo na linguagem infantil implica a ausência da necessidade, por parte da criança, de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo compreendida. [...] Os desejos, as motivações e todas as características conscientes são atribuídas às coisas (animismo). A criança pensa por exemplo que o cão late porque está com saudades da mãe. Por outro lado, para as crianças até os sete ou cinco anos de idade, os processos psicológicos internos têm realidade física: ela acha que os pensamentos estão na boca ou os sonhos estão no quarto. Dessa confusão entre o real e o irreal surge a explicação artificialista, segundo a qual, se as coisas existem é porque alguém as fez. (PIAGET, 1983, s/n)

Dessa forma, Piaget (1983) confirma que a característica geral desta etapa é a transformação dos esquemas de ação em esquemas mentais, sendo um processo gradual que define a passagem das operações mentais. Esse período é, portanto, a base para as construções lógicas elementares, que por fim, darão início a linguagem.

Neste estágio, há um grande avanço do desenvolvimento, pois é quando a criança desenvolve a linguagem. Assim sendo, o sujeito se socializa mais, pois consegue comunicar-se com os demais (chamada por Piaget de socialização da ação). Entretanto, ainda é egocêntrico, ou seja, não consegue se colocar abstratamente no ponto de vista de outro indivíduo e considera o mundo a partir da sua perspectiva. (SOUZA E WECHSLER, 2014, p.138)

Com o desenvolvimento da linguagem, começa a aparecer a fase dos “por quês”, em que para a criança tudo deve ter alguma explicação ou motivo para acontecer e, muitas vezes, os adultos não conseguem encontrar respostas para essas interrogações por serem sobre assuntos triviais (PIAGET, 2003).

De acordo com La Taille (1992), a aquisição da linguagem é de fundamental relevância no processo de socialização infantil. Porém, durante esta fase, os sujeitos possuem grande dificuldade em dialogar de maneira consensual e entram em contradições durante as conversas, alterando várias vezes o seu ponto de vista e sua opinião. Além do mais, percebe-se nesta fase um impedimento de estabelecer relações de reciprocidade, pois as crianças têm dificuldade de manter uma conversa em comum, e principalmente, enxergar e entender o ponto de vista do outro. Sendo assim:

A transmissão social pela linguagem, contatos educacionais ou sociais é um fator necessário, na medida em que a criança pode receber uma grande quantidade de informações. Entretanto, não é suficiente, pois ela só assimilará as informações que estiverem de acordo com o conjunto de estruturas relativas ao seu nível de pensamento. Um dos principais equívocos da escola tradicional, afirma Piaget (1982), é imaginar que a criança tenha apenas de incorporar as informações já digeridas, como se a transmissão não exigisse uma atividade interna de assimilação-acomodação do indivíduo, no sentido de haver uma reestruturação e daí uma correta compreensão do que foi transmitido. (FERRACIOLI, 1999, p. 185).

Assim, como menciona Ferracioli (1999), é papel da escola instigar a criança a pensar e não somente passar conteúdo e ela absorver, como ocorre na escola tradicional.

Segundo Sabini-Cória (1986), é função do educador criar possibilidades compatíveis de acordo com a evolução cognitiva da criança. O educador deve sempre ter em mente os conhecimentos prévios do educando.

Além dos conhecimentos prévios, o educador deve ser responsável pela ampliação deste conhecimento, por meio de atividades desafiadoras, que instiguem o raciocínio, interesses, criatividade, comprometimento, reflexões, autonomia e

trabalhos em grupo, de modo que possam evoluir ao estágio seguinte e fortalecer o aprendizado infantil.

Tendo em vista a grande importância da linguagem nesta etapa do desenvolvimento infantil, no próximo subtítulo, tratarei de forma ampla a aquisição da linguagem de acordo com a teoria de Jean Piaget.

2.3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A TEORIA DE PIAGET

A aquisição da linguagem, proposta nos objetivos específicos desta pesquisa, é de suma importância para a compreensão dos desenvolvimentos que vêm depois dela.

A teoria de Piaget propõe que a aquisição da linguagem está intimamente ligada ao desenvolvimento da inteligência, onde é o desenvolvimento cognitivo que faz nascer, mais tarde, o simbolismo. Segundo Dias (2010, p. 09), o simbolismo é a “capacidade de generalizar suas ações a outros esquemas, bem como de reproduzir as ações que são típicas desses outros. Para que a representação se estabeleça como tal, é necessário que a criança consiga recorrer a símbolos e/ou a linguagem para evocar situações”.

Uma motivação é o brincar simbólico, que é desenvolvido gradualmente a partir do estágio sensório-motor, dos 0 aos 2 anos de idade, onde a criança passa a desenvolver também a sua linguagem oral, sendo fator fundamental para o entendimento desta pesquisa. De acordo com Zorzi (2002), essa conduta age de maneira significativa na atividade da criança e aos poucos passa a representar por meio de símbolos.

Nesta etapa entendida como sensório-motor, os atos do brincar simbólico são vistos pelo senso comum como simples brincadeiras, porém trata-se do faz-de-conta, que inicia por volta dos dois anos de idade. Segundo Zorzi (2002), o faz-de-conta está associado com o aparecimento dos primeiros enunciados verbais, relacionados ao desenvolvimento linguístico. Diante desse fato, o brincar simbólico e a linguagem estão interligadas à representação, evocação de fatos e objetos ausentes, que são ações indispensáveis para esta etapa do desenvolvimento.

Quando essa mesma pessoa conversa com a criança enquanto brincam juntas, isso envolve muitas vezes também a parte motora. Nesse caso, as

emoções ficam mais fortes, e ainda o tato, a criatividade, o faz-de-conta, a imaginação, a disputa ou o desafio, o prazer, etc., o que faz com que esse seja um estímulo padrão outro. Isso é engajamento. Isso vai produzir mais aprendizados, vai favorecer o desenvolvimento da criança. Isso traz sentido e sensações. Brincar é o trabalho da criança. Não subestime o brincar. (TRENTINI, 2018, p.76)

De acordo com Dias (2010) pode-se dizer que o simbolismo é efetivado quando a brincadeira simbólica se torna representativa como um todo, chegando ao nível de representação independente:

[...] momento em que a criança começa a usar substitutos simbólicos que podem corresponder a objetos, gestos e palavras. A imitação diferida é outro marco da aquisição simbólica. Esta possibilidade se efetiva quando a criança consegue transformar um objeto em outro, ou mesmo quando um gesto ou palavras sustentam um fato ausente. Na consolidação da formação do símbolo, o brincar simbólico desliga-se do contexto imediato e origina situações que não dependem da presença de objetos a ela relacionados. A criança não se prende no que vê, fato que ratifica o papel da linguagem na evolução do brincar. Pode-se dizer que a linguagem e o brincar desenvolvem-se ao mesmo tempo e influenciam-se reciprocamente. (DIAS, 2010, p.08)

A utilização de símbolos por parte da criança se torna, então, uma nova parte do desenvolvimento, permitindo que a inteligência prática se torne conceitual, caracterizando assim, um novo período de desenvolvimento humano. O próprio Piaget (1945, apud SASSO, 2016, p.50) cita esse acontecimento: “a passagem da inteligência sensório-motora para a inteligência conceitual se explica, somente pela intervenção da vida social e dos quadros lógicos e representativos já prontos no sistema dos signos e das representações coletivas”.

A linguagem surge como função complementar perante as estruturas de construção do pensamento, e o meio social assume um papel importante na composição da linguagem e do desenvolvimento cognitivo. O simbolismo é consolidado de maneira gradual, como outros processos evolutivos. E a capacidade, de simbolizar, conforme Dias (2010) ocorre através de gestos, palavras ou objetos não presentes à criança.

Portanto, é no período pré-operatório que transcorre a passagem do plano de ação para a representação, caracterizado pelos eventos simbólicos. Essa etapa representativa é a base para a construção das operações lógicas elementares que estabelecem a aquisição da linguagem.

Dessa maneira, a teoria de Piaget, segundo os autores mencionados acima, conclui que a aquisição da linguagem está totalmente ligada às interações do sujeito

com o meio e com o objeto. A relação da criança com o social (ambiente escolar, familiar, grupos culturais) faz com que haja uma troca de saberes e instiga a criança, mesmo que inconscientemente, a progredir.

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (PIAGET, 1962, p. 129).

Assim, o vínculo da criança com o adulto se torna algo tão precioso, pois a criança precisa de um adulto que a entenda, a ouça e lhe apresente o mundo de forma amorosa. Trentini (2018) sinaliza a importância da relação entre adultos e criança.

O desenvolvimento da linguagem está diretamente relacionado ao controle emocional, uma vez que a linguagem oferece recursos imprescindíveis para o ser humano suportar a gama sofisticada de sentimentos com os quais lida diariamente. Existe pensamento sem linguagem. Existe sentimentos sem linguagem. Mas uma vez que um cérebro humano está inundado de linguagem, os pensamentos e sentimentos são alterados de maneira irreversível. A linguagem modifica a forma como os sentimentos operam no cérebro. A linguagem modifica a forma como pensamos. (TRENTINI, 2018, p. 37)

Mas como isso se reflete na atuação do pedagogo na pré-escola? Entende-se que a criança só irá se expressar se souber que tem alguém pronto para lhe ouvir, que a considere importante e que saiba como é significativo desbravar o mundo ao seu redor de maneira ativa e consciente, elaborando suas próprias construções.

As crianças têm necessidade de serem olhadas e de serem enxergadas. Através das lentes dos pais, elas se veem e se entendem como seres existentes. Quanto mais novas, mais vão precisar que prestemos atenção nelas até que, com o tempo, elas construam uma opinião/noção própria de si e passem a ter mais autonomia. (TRENTINI, 2018, p. 74)

Para um melhor entendimento sobre a fala das crianças pequenas, no subtítulo a seguir descreverei quais são os marcos que a faixa etária dos 4 aos 5 anos de idade deve ter em relação ao desenvolvimento linguístico, para que assim o pedagogo saiba como contribuir e auxiliar da melhor forma.

2.4 DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DAS CRIANÇAS DE 04 E 05 ANOS

A fala, objeto de pesquisa deste estudo, é um dos principais marcos de desenvolvimento das crianças até pelo menos os cinco anos de idade.

Conforme estudos discutidos no subtítulo anterior, a criança passa a dominar com precisão o segmento da língua com cinco anos de idade. Nesse sentido, segundo Grolla e Silva (2014, p. 36) afirmam que, “entre o nascimento e os 5 anos de idade, ela se torna falante proficiente de sua língua, uma coisa que nós, em qualquer idade depois de adultos, não conseguimos nem com muita dedicação!”. Assim, podemos perceber o quanto é algo importante e que deve ser estimulado de maneira adequada, para que os marcos linguísticos sejam afirmativos dentro de cada faixa etária, bem como o desenvolvimento de habilidades cognitivas e relações sociais.

Sabemos que cada criança possui suas particularidades, porém deve-se observar as etapas do desenvolvimento linguístico. O que se pode ressaltar, segundo Malacarne (2015) é que esse desenvolvimento pode variar de acordo com os estímulos que a criança recebe, tanto em casa, como no ambiente escolar.

O Conselho Nacional de Fonoaudiologia (2021) destaca alguns marcos importantes na faixa etária dos 04 aos 05 anos (idade que está sendo investigada nesta pesquisa). Nesta idade, a criança deve: contar histórias sem ajuda de um adulto ou de figuras; utilizar frases maiores com noção de tempo e espaço; pronunciar facilmente os sons de quase todas as letras e fonemas; lembrar de situações passadas e recontá-las.

Apesar de ainda apresentar algumas dificuldades na flexão verbal, que de acordo com Galli (2015) “são expressas por meio dos tempos, modo e pessoa da seguinte forma: O tempo indica o momento em que ocorre; O modo indica a atitude do; A pessoa marca na forma do verbo a pessoa gramatical do sujeito”. O que se pode esperar com referência a produção de sons, de acordo com a idade, segundo Lamprecht (2004) é: aos 04 anos falar sons referentes às letras “lh” e “r” (exemplo: ilha/olho/rolha e amora/árvore/adoro); e aos 05 anos falar os sons referentes às letras “l” e “r” em encontros consonantais (exemplo: planta/claro/clima e primo/dragão/programa).

Perante as reflexões teóricas descritas acima conseguimos compreender a importância do pedagogo de identificar o que é uma dificuldade na fala, que de acordo com Prates e Martins (2011, p. 54) se torna uma dificuldade quando há

“desenvolvimento atípico envolvendo componentes funcionais da audição, fala e/ou linguagem em níveis variados de gravidade. Na maioria das vezes esses distúrbios são percebidos pelos pais, que referem que a criança tem dificuldade para falar”, ou divergência entre o marco linguístico esperado para a idade.

A partir desse entendimento é possível trabalhar focando nestes aspectos que poderão fazer diferença na vida da criança e de todos que a cercam. Esses mesmos estudos sinalizam a importância de que o pedagogo busque auxílio de um fonoaudiólogo para orientá-lo, ou mesmo sinalizar estudos sobre o assunto para melhor identificação de dificuldades.

Assim, com tantas referências significativas ainda precisamos entender de que forma o pedagogo pode auxiliar no desenvolvimento da fala no cotidiano escolar das crianças pequenas. Por isso, no próximo capítulo, serão destacados aspectos dos documentos normativos que direcionam as práticas educacionais dos pedagogos quando observado o desenvolvimento da fala durante a pré-escola, na Educação Infantil.

3 AS LEGISLAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO DA FALA

Diante do que já foi exposto perante os estudos de Piaget e os conceitos sobre a fala, temos a certeza de que a linguagem oral se dá, em seu mais completo sentido, pela interação da criança com o meio em que ela vive e pela estimulação que recebe desse meio social (escola, família, comunidade). De nada adianta colocar a criança na escola e essa não contar com pedagogos capazes de auxiliar no desenvolvimento da linguagem. Neste subtítulo, elencarei aspectos das legislações que explicitam o desenvolvimento da fala na infância e poderão contribuir com o estabelecimento de diretrizes para aprimorar esse trabalho.

Para dar início a esta etapa, elencarei algumas características de dois aspectos importantes nessa pesquisa. O primeiro é a pré-escola. O segundo é criança pequena. Essas caracterizações tomarão por base o que está normatizado na legislação brasileira contemporânea. Entendo que isso se faz necessário, pois toda a pesquisa toma por base esses lócus.

O primeiro marco legal, segundo Barbosa (2000), no Brasil, no final da década de 70, foram alterações no processo educacional e ganhou um novo estatuto no campo das políticas e das teorias educacionais: a luta por creches e pré-escolas foi engendrada. Assim, foram realizados investimentos para a ampliação do direito à educação das crianças desta faixa etária, assegurando o atendimento gratuito a todos os educandos. Ainda, de acordo com Barbosa (2000), outro marco importante foi a inclusão da Educação Infantil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), valorizando esse nível de ensino e acompanhando as novas demandas da cultura e da sociedade.

De acordo com a LDB, Artigo 29, a pré-escola faz parte da “educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A pré-escola é apta a receber matrícula de crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Suas atividades têm um objetivo significativo concreto hoje para a vida da criança. A pré-escola atende as necessidades da criança no ato de cuidar, educar, estimular e preparar as crianças para a alfabetização, trabalhando os pré-requisitos nos aspectos: psicossociais da criança, criando condições adequadas para o seu desenvolvimento, estimulando a criatividade, a autonomia, a cooperação e a criticidade considerando para isto, a história de vida de cada um, suas experiências e sua individualidade. (SANTOS, 2016, p.02)

Desta maneira, concebo a pré-escola como um espaço de desenvolvimento infantil, onde a criança pode potencializar suas experiências de maneira lúdica, com o auxílio do pedagogo e da escola. São múltiplas as linguagens da criança e englobam as habilidades cognitivas, coordenação motora, reconhecimento de letras e números, autonomia, socialização, domínio de ações sensoriais, evolução do seu pensamento, hábitos alimentares e de higiene, entre tantos outros de forma ilimitada. Todos estes processos estão intimamente ligados as linguagens, sendo que a fala e o desenvolvimento da linguagem oral nesta etapa do desenvolvimento, como percebemos nos estudos de Piaget anteriormente.

A pré-escola tem a oportunidade de estar ao lado das crianças. E o pedagogo é o profissional dentro da escola que poderá possibilitar a ampliação da liberdade de expressão e de conhecimentos culturais, do mundo e das pessoas que os cerca. O pedagogo é um mediador do processo de desenvolvimento, pois propicia situações de brincadeiras e de aprendizagens livres e orientadas, de conhecimentos corporais, afetivos, emocionais, éticos, contribuindo para o desenvolvimento dos seres humanos.

Sendo assim, o pedagogo deve acompanhar a criança no processo de ensino-aprendizagem, com base no conhecimento de teorias e aplicação de métodos pedagógicos, brincadeiras, dinâmicas, faz-de-conta, tendo em vista a formação de cidadãos críticos, íntegros e criativos perante a sociedade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017, p. 36), a “Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional” e subdivide a mesma em três agrupamentos etários: bebês (zero a um ano e seis meses), crianças bem pequenas (um ano e sete meses a três anos e 11 meses) e crianças pequenas (quatro anos a cinco anos e onze meses). Cada agrupamento possui objetivos de aprendizagem e desenvolvimento divididos em cinco campos de experiência que, segundo a BNCC (2017, p. 40) “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural”. Esses campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Considerando o espaço da pesquisa darei um foco especial nos estudos das legislações que regulamentam o ensino para crianças pequenas que estão na idade da pré-escola e no campo de experiência denominado “Escuta, fala, pensamento e

imaginação”. Essa opção ocorreu, uma vez que percebo a ênfase na parte linguística e do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças neste campo. Além de analisar também outras diretrizes que circundam o campo educacional. Segundo a BNCC o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, contribui no desenvolvimento da fala porque:

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 42)

Dessa maneira, percebe-se como o ambiente na qual a criança está inserida está ligado ao seu desenvolvimento como um todo, inclusive com a fala. Todas as situações de comunicação são grandes gestos que a criança utiliza sobre aqueles que a rodeiam, em conjunto com os estímulos que o seu círculo social promove sobre ela. Assim, a criança passa a ampliar seu repertório através desses estímulos, que se dão através de conversas, leitura de histórias em seus diferentes modos, brincadeiras livres, faz-de-conta, musicalização, teatro, entre muitos outros recursos que podem ser utilizados.

Nesse conjunto de análise da legislação, procuro ler as principais legislações que regulam a educação nacional e especificarei, no próximo subtítulo, como a fala e a linguagem oral são descritas perante esses documentos.

3.1 COMO A FALA É MENCIONADA NAS LEGISLAÇÕES

Neste subtítulo irei averiguar de que maneira a fala é descrita nas legislações que embasam a educação brasileira. Dessa forma defini alguns descritores para auxiliar neste processo de busca. Os descritores utilizados são: fala, oral/oralidade e linguagem. Os documentos pesquisados são: Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil –

RCNEI (BRASIL, 1998), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNEI (BRASIL, 2013). Lembrando que não utilizarei os documentos por inteiro, o foco se dará nos escritos que abrangem a pré-escola e a faixa etária pesquisada.

Para iniciar, concentrarei na BNCC (2017, p. 07) que “é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica”. Como citado anteriormente, a BNCC divide as etapas da educação infantil em três agrupamentos, e em cada um deles encontra-se objetivos de aprendizagem e desenvolvimento divididos em cinco campos de experiência. O campo de experiência aqui explorado será o denominado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

Dentro do campo de experiência explorado e na faixa etária estudada, foram encontrados apenas uma vez o descritor “oral/oralidade”, onde o objetivo de aprendizagem está voltado para que as crianças possam produzir as suas próprias histórias orais e escritas. O descritor “linguagem” foi mencionado duas vezes, sendo o primeiro com o objetivo de expressar ideias, sentimentos e desejos sobre as vivências por meio da linguagem oral e escrita. Já o segundo com o intuito da criança produzir suas próprias histórias orais e escritas em situações com função social significativa. O descritor “fala” não foi mencionado em nenhum momento dentro do campo de experiência investigado².

O segundo documento explorado foi o RCNEI (1998), que se constitui em “um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras”. Neste documento, optei por investigar a existência dos descritores “fala”, “oral/oralidade”, “linguagem” em sua totalidade, pois foi um marco pedagógico destinado especialmente para a Educação Infantil, e enfatiza todos os processos desta etapa educacional.

O primeiro descritor pesquisado foi “fala” e ele foi encontrado somente uma vez, onde se encontra o subtítulo “Organização dos Conteúdos por Blocos” e se refere ao fato de que “o professor saiba, ao ler uma história para as crianças, que está

²Os descritores aparecem outras vezes ao longo do documento, porém em consenso a outras faixas etárias.

trabalhando não só a leitura, mas também, a fala, a escuta, e a escrita” (BRASIL, 1998, p. 53).

O descritor “oralidade/oral” foi mencionado seis vezes. A primeira delas na apresentação do documento, que sugere a utilização do descritor para a “construção das diferentes linguagens pelas crianças e para as relações que estabelecem com os objetos de conhecimento: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática” (BRASIL, 1998, p. 09). A segunda vez aparece descrevendo que:

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar (BRASIL, 1998, p. 28).

A terceira vez foi mencionada no título “Organização do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”, e associa a linguagem oral às diferentes e múltiplas linguagens das crianças:

Essa estrutura se apoia em uma organização por idades — crianças de zero a três anos e crianças de quatro a seis anos — e se concretiza em dois âmbitos de experiências — Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo — que são constituídos pelos seguintes eixos de trabalho: Identidade e autonomia, Movimento, Artes visuais, Música, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade e Matemática.” (BRASIL, 1998, p. 43)

A quarta vez que esse descritor é citado, (BRASIL, 1998, p. 46), é igual ao anterior onde mostra estes eixos de trabalho como mencionado na citação acima.

A quinta vez que o descritor “oral” foi encontrado, estava vinculado ao título “Objetivos Gerais da Educação Infantil”. Essa etapa do texto contempla as práticas que se deve organizar para as crianças desenvolverem algumas capacidades. O descritor “oral” é compreendido como a capacidade de:

“utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de

significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva” (BRASIL, 1998, p. 63).

A sexta e última vez o descritor é mencionado dentro do subtítulo “Ambientes de Cuidado”, em uma perspectiva diferente das anteriores, pois está vinculado com o cuidado que deve ser contemplado como eixo norteador da Educação Infantil, como pode ser percebido em:

A organização dos momentos em que são previstos cuidados com o corpo, banho, lavagem de mãos, higiene oral, uso dos sanitários, repouso e brincadeiras ao ar livre, podem variar nas instituições de educação infantil, segundo os grupos etários atendidos, o tempo de permanência diária das crianças na instituição e os acordos estabelecidos com as famílias. (BRASIL, 1998, p. 75).

O descritor “linguagem” aparece oito vezes ao longo do documento, porém cinco vezes vem em conjunto com o descritor “oral”, já mencionado nos destaques anteriores. As outras três vezes em que é citado, nota-se o vínculo com o título “Brincar”, onde se refere que a “brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar” (BRASIL, 1998, p. 27). A segunda vez, aparece neste mesmo parágrafo, e reforça a brincadeira como “uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica” (BRASIL, 1998, p. 27). A terceira vez em que o descritor foi mencionado no RCNEI (BRASIL, 1998), ocorreu no título “Interação”, e menciona que:

A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente. (BRASIL, 1998, p. 31)

Assim, encerro a averiguação do documento constituído pela RCNEI (BRASIL, 1998), e pode-se observar que apesar de ser um documento voltado para a Educação Infantil, o mesmo não possui informações tão relevantes sobre o desenvolvimento da linguagem oral. Porém, nota-se o grande foco no brincar, que como visto anteriormente, é primordial para a aquisição e o desenvolvimento da fala e das múltiplas linguagens.

O terceiro documento observado foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pela lei número 9.394 (BRASIL, 1996). Nesta legislação, nenhum dos três

descritores foram mencionados, com exceção do descritor “linguagem” que apareceu uma vez nos artigos desta lei que regulamentam o Ensino Médio.

O quarto e último documento averiguado foi as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013, p. 08) que “visam estabelecer bases comuns nacionais para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio, bem como para as modalidades com quem podem se apresentar”. Novamente, utilizo a mesma forma que a BNCC (BRASIL, 2017) quando optei pela análise da parte desse texto legal que trata da Educação Infantil. Isso ocorre das páginas 80 até 100.

O descritor “fala” é citado três vezes ao longo do DCNEI, sendo a primeira ocorrência no subtítulo “A visão de criança: o sujeito do processo de educação”. Este se refere ao “período de vida atendido pela Educação Infantil caracteriza-se por marcantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfíncteriano, a formação da imaginação e da capacidade de fazer de conta e de representar usando diferentes linguagens” (BRASIL, 2013, p. 86). A segunda vez, o descritor é mencionado na mesma página, e confirma que “[...] na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar”. A terceira vez que o descritor “fala” é encontrado, aponta para as “propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas” (BRASIL, 2013, p. 93).

Já o descritor “oralidade/oral” é mencionado quatro vezes, sendo a primeira delas dentro do subtítulo “A organização das experiências de aprendizagem na proposta curricular”. Sugere que:

A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita (BRASIL, 2013, p. 93).

A segunda e terceira vez encontra-se o descritor vinculado ao acesso para a linguagem:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita,

instrumentos básicos de expressão de idéias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado. (BRASIL, 2013, p. 94)

A última vez o descritor é citado dentro do Artigo 9 em que vincula a importância das práticas pedagógicas da Educação Infantil nas interações e brincadeiras como seus eixos norteadores, garantindo que: “III - possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2013, p. 99).

O descritor “linguagem” é também mencionado quatro vezes (aparece outras vezes, porém ligado à palavra oral, já mencionado acima)³. A primeira vez é citado dentro do subtítulo “A visão da criança: o sujeito do processo de educação” e mostra que:

[...] a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, a depender da maneira como sua capacidade para construir conhecimento é possibilitada e trabalhada nas situações em que ela participa. (BRASIL, 2013, p. 86)

A segunda vez que o descritor foi encontrado na pesquisa dentro do DCNEI, estava relacionado com a escrita, enfatizando que:

Também a linguagem escrita é objeto de interesse pelas crianças. Vivendo em um mundo onde a língua escrita está cada vez mais presente, as crianças começam a se interessar pela escrita muito antes que os professores a apresentem formalmente (BRASIL, 2013) 94).

Também neste mesmo local de pesquisa de descritores no DCNEI, a terceira vez que é mencionado o descritor “linguagem”, estava vinculado com a língua escrita:

Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, mediada pela professora e pelo professor, fazendo-se presente em atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros pelo professor, a possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever. (BRASIL, 2013, p. 94)

³ O descritor “linguagem” aparece outras vezes ao longo do documento, porém atrelada a palavra “oral”, sendo mencionada anteriormente.

A quarta vez, diz respeito às atividades que desenvolvam expressão motora e modos de percepção sobre seu próprio corpo. Elencando que “assim como as que lhe possibilitem construir, criar e desenhar usando diferentes materiais e técnicas, ampliar a sensibilidade da criança à música, à dança, à linguagem teatral, abrem ricas possibilidades de vivências e desenvolvimento para as crianças” (BRASIL, 2013, p. 94).

Dessa maneira, finalizo a pesquisa dos descritores “fala”, “oral/oralidade” e “linguagem” nos principais documentos que regulamentam a educação brasileira. Pode-se perceber o quanto o descritor “fala” e o seu desenvolvimento são pouco mencionados, com o foco desse estudo que é o desenvolvimento da fala. Quando se encontra é referido de uma forma geral, sem muita especificação desse processo ou de como pode ser trabalhado diversos aspectos em sala de aula.

O documento que maior abrange a questão da linguagem oral é o DCNEI, que pode ser confirmado pelo número de descritores encontrados no resultado da pesquisa. Regulamenta-se que o desenvolvimento oral se dá desde o nascimento, em conjunto com as interações que a criança tem com o outro e com o mundo, sendo um marco de extrema relevância para o progresso nos demais âmbitos cognitivos, que precisa ser constantemente trabalhado e presente dentro das práticas pedagógicas.

Com todas as informações colhidas nestes documentos, podemos concluir que a fala ainda é pouquíssima citada nas legislações. Isso pode acarretar uma baixa adesão do pedagogo no trabalho em sala de aula envolvendo a fala em todos os seus aspectos. Sabe-se que os pedagogos devem buscar se adequar às diretrizes que esses documentos registram. Dessa forma, seria pertinente que os pedagogos pudessem encontrar em momentos de formação continuada a retomada dos estudos sobre o desenvolvimento da fala, associado aos aspectos legais. Essa formação continuada poderá abranger o desenvolvimento da fala como algo necessário no desenvolvimento infantil e não, como um simples marco de desenvolvimento.

Assim, torna-se importante também, mais pesquisas nesta área, pois como mencionado no capítulo 2, Piaget contribui para compreendermos e considerarmos a linguagem como um dos domínios importantes para a criança. A linguagem oral potencializa o desenvolvimento infantil e a criança poderá ser capaz de se comunicar, interagir, socializar, expressar seus medos, anseios e desejos. O pedagogo poderá ser o contribuinte para a construção desta etapa, utilizando de ferramentas adequadas, criando possibilidades para que o educando evolua, ampliando o seu

conhecimento através de atividades que o desafiem e, principalmente, propondo que a criança interaja, fale sobre sua vida, seu cotidiano, suas emoções e pensamento. Piaget (1962), poderá ser um excelente suporte de estudos sobre o desenvolvimento da fala porque permite compreender que a concretização de estímulos adequados promove a fala nas crianças da pré-escola.

4 METODOLOGIA

A presente investigação que tem como objetivo compreender o papel do pedagogo diante do desenvolvimento da fala das crianças pequenas, enfatizando seu papel na pré-escola, é fundamentada através da pesquisa qualitativa, com ênfase em pesquisa bibliográfica e no discurso do sujeito coletivo (DSC). A DSC é uma técnica criada por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2005). A pesquisa qualitativa busca explicar o porquê das coisas, sem quantificação de valores, preocupando-se com aspectos da realidade, envolvendo a dinâmica das relações sociais:

Pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador. (MINAYO, 2001, p. 14)

Anterior a pesquisa qualitativa, utilizo também a pesquisa bibliográfica a fim de compreender melhor sobre o assunto a ser tratado, partindo de referenciais teóricos já publicados, como cita Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p.44)

Para a obtenção da pesquisa qualitativa realizei um questionário semi-estruturado através da plataforma *Google Forms*, destinado aos pedagogos que atuam na etapa da pré-escola e teve sua divulgação feita por meio de e-mail, redes sociais e ambiente virtual acadêmico. De acordo com Fonseca (2002, p. 58), o questionário: “É um instrumento de pesquisa constituído por uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas

dadas pelo elemento ou pelo pesquisador sem a assistência direta ou orientação do investigador”.

Após a devolução das respostas do questionário pelos participantes e para leitura e interpretação de seus resultados, utilizei a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, onde segundo Lefèvre (2005) é possível realizar a soma dos discursos conquistados, dando luz às respostas do imaginário social. Dessa forma:

[...] consiste basicamente, em analisar o material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos, artigos, cartas, *papers*, as ideias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chave; com as expressões-chave das ideias ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos-síntese na primeira pessoa do singular. (LEFÈVRE, 2005, p.16)

Para a elaboração desta metodologia de pesquisa levei em consideração os seguintes pontos-chaves presentes nesta técnica de pesquisa para que ela fosse concretizada: Escolha dos sujeitos; Elaboração do roteiro de perguntas; Tabulação de dados; e Apresentação dos Resultados. Estes passos foram dados utilizados para as possíveis respostas para o problema principal da investigação: Quais ações podem ser desenvolvidas pelo pedagogo a fim de auxiliar no desenvolvimento da fala nas crianças da pré-escola?

A primeira etapa deste processo foi “A escolha dos sujeitos” que nada mais é do que traçar qual o público-alvo que será utilizado para a participação na pesquisa. Segundo Lefèvre (2005, p. 38), “o pesquisador pode compor pessoalmente a sua amostra, escolhendo todos, ou quase todos os indivíduos a serem pesquisados, conforme as características que deseja estudar”. Levando isso em consideração, o público escolhido para essa pesquisa foram pedagogos que estão lecionando na etapa da pré-escola da Educação Infantil, que como dito anteriormente, é a etapa onde se encontram crianças de 04 a 05 anos de idade, que são o escopo da pesquisa.

Em seguida, inicia-se a “Elaboração do roteiro de perguntas”, onde deve-se construir um roteiro de investigação, utilizando de criatividade, habilidade e experiência no assunto. Para a elaboração das questões o ideal é levar alguns pontos em consideração, como: os objetivos que se pretende atingir; evitar questões que tenham respostas induzidas; impedir perguntas cujo objetivo é produzir reações emocionais; não formular questões que não ensejam discursos; poupar de perguntas inadequadas ao público-alvo e evitar perguntas que levem a incompreensão do enunciado. Outra dica que o autor propõe é que antes de divulgada, as questões

sejam testadas com sujeitos semelhantes aos que serão pesquisados. O questionário semi-estruturado está disponível em Apêndice 2 para consulta dos interessados.

Seguindo as orientações de Lefèvre (2005), elaborei as questões a partir do objetivo geral desta pesquisa: Compreender o papel do pedagogo diante do desenvolvimento da fala das crianças pequenas, na pré-escola. As perguntas realizadas dizem respeito a formação e perfil dos profissionais, sobre o conhecimento e o desenvolvimento da fala da criança e se desenvolvem propostas sobre esse aspecto em sala de aula. Também questionei se havia algum aluno que apresenta dificuldade na fala e como era estimulado para ampliar esse desenvolvimento, bem como a existência de diagnóstico médico e acompanhamento de outros profissionais junto ao processo de aprendizagem dessa criança.

Os próximos passos seriam "Preparo dos entrevistados", "Preparo do ambiente para a entrevista", "Preparo do equipamento", e "Clima da entrevista", porém estes passos não foram realizados nesta pesquisa, pois devido a pandemia do Covid-19, a mesma teve que ser readaptada e foi realizada *on-line* através da plataforma *Google Forms*. O questionário contou com 18 questões, objetivas e subjetivas, tendo sua divulgação no dia 29 de abril de 2021 através de e-mail, redes sociais e ambiente virtual acadêmico. No total, 13 pedagogos participaram da pesquisa.

Após receber as respostas do questionário, iniciou-se a etapa de "Tabulação de dados", que é constituída em seis passos. Primeiro passo: as questões devem ser analisadas isoladamente, copiando literalmente todas as respostas de cada pergunta no Instrumento de Análise de Discurso (IAD); Segundo passo: identificar em cada resposta as ideias centrais ou expressões chave, podendo utilizar diferentes cores ou recursos gráficos; Terceiro passo: identificar as ideias centrais e colocá-las nas colunas correspondentes; Quarto passo: identificar e agrupar as ideias centrais com o mesmo sentido ou sentido equivalente/complementar, etiquetando cada agrupamento com letras A, B, C...; Quinto passo: denominar cada agrupamento, criando a melhor maneira de descrever as ideias centrais; Sexto passo: construir um Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para cada agrupamento identificado no quinto passo.

A última etapa é a "Apresentação dos resultados", e pode-se apresentar os resultados obtidos por questão e quando houver mais de um DSC por pergunta, pode-se fazer um quadro síntese com as ideias centrais. Por fim, é válido comentar os dados analisados, fazendo referências com a pesquisa já realizada anteriormente.

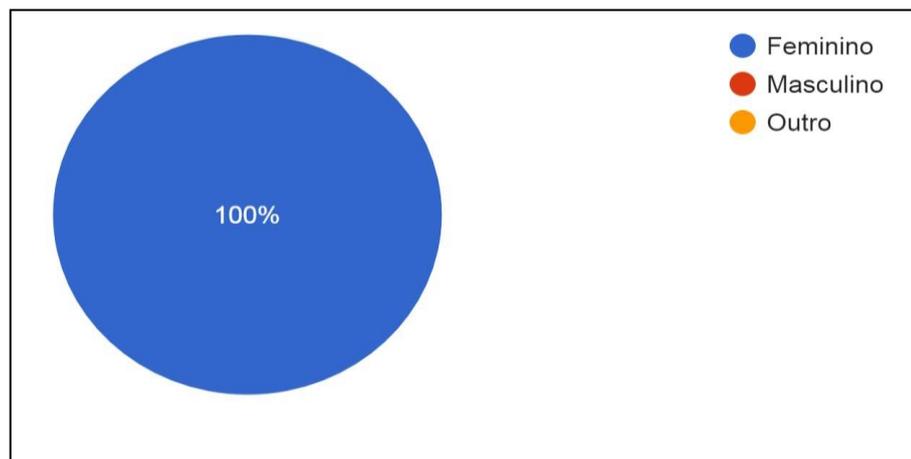
Para apresentar os resultados obtidos na pesquisa, no subtítulo a seguir, opto por apresentar o perfil dos participantes que responderam ao questionário semi-estruturado, para depois, no próximo capítulo, apresentar a DSC.

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Neste momento apresento o perfil dos 13 professores da pré-escola que colaboraram com a pesquisa. Os gráficos utilizados foram gerados a partir das respostas do questionário semi-estruturado na ferramenta do *Google Forms*.

Os 13 participantes da pesquisa são do sexo feminino, correspondendo a 100% dos professores, demonstrado na figura abaixo.

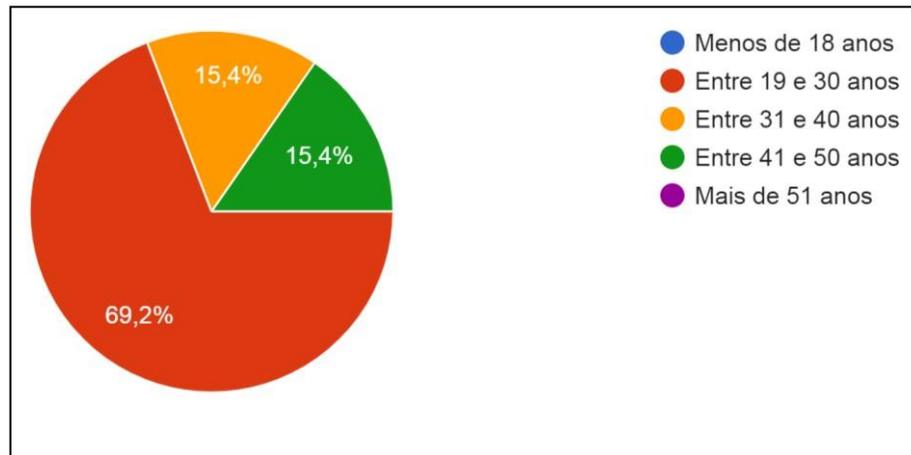
Gráfico 1 - Sexo



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

Referindo-se à idade dos participantes, 69,2% têm entre 19 e 30 anos e empatados em 15,4% têm entre 31 e 40 anos e 41 e 50 anos.

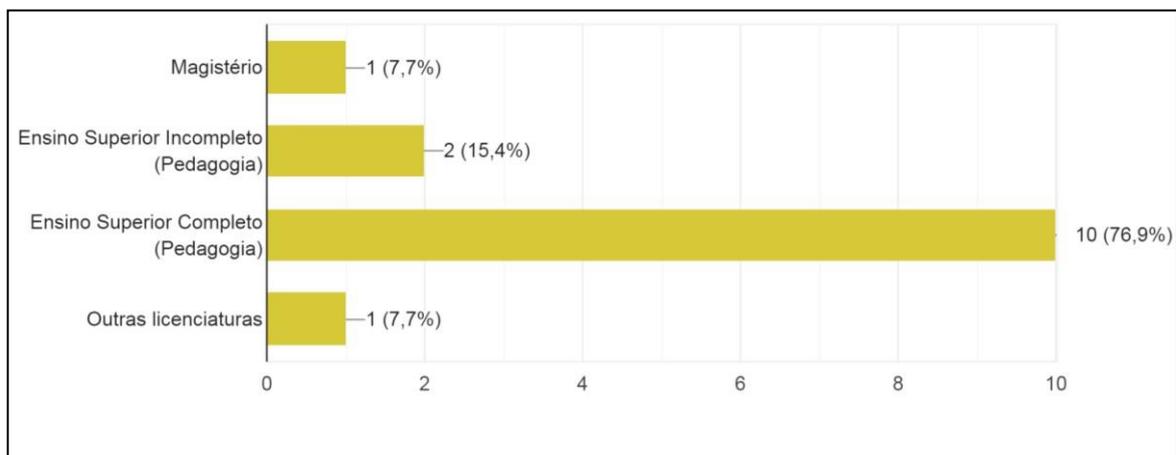
Gráfico 2 - Idade



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

No que diz respeito à formação acadêmica, 76.9% possuem Ensino Superior Completo em Pedagogia, 15.4% são estudantes de Pedagogia, 7.7% possui apenas magistério e 7.7% tem formação em outra licenciatura.

Gráfico 3 - Formação



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

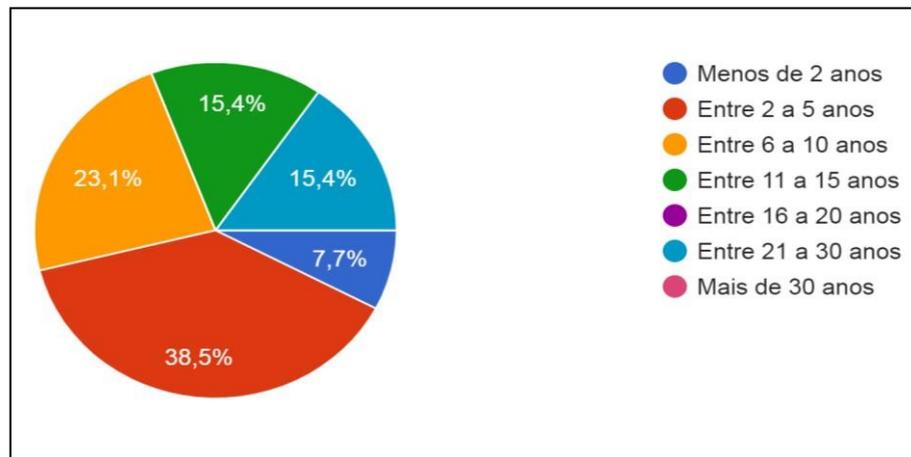
Com base no gráfico número 3, é possível perceber que a maioria das professoras têm formação completa em Pedagogia, o que nos ajuda a entender melhor as próximas questões, visto que são profissionais que já sinalizam formação e experiência na área de atuação na Educação Infantil.

Os dois gráficos a seguir, número 4 e número 5, referem-se ao tempo de docência na área da educação e tempo de docência na pré-escola. Também constituem elementos do perfil dos participantes a partir da administração da

instituição no qual está inserido. Essas três questões irão ajudar a delimitar o perfil dos participantes desta pesquisa.

Em relação ao tempo em que os profissionais atuam na área da educação, os dados apontam que:

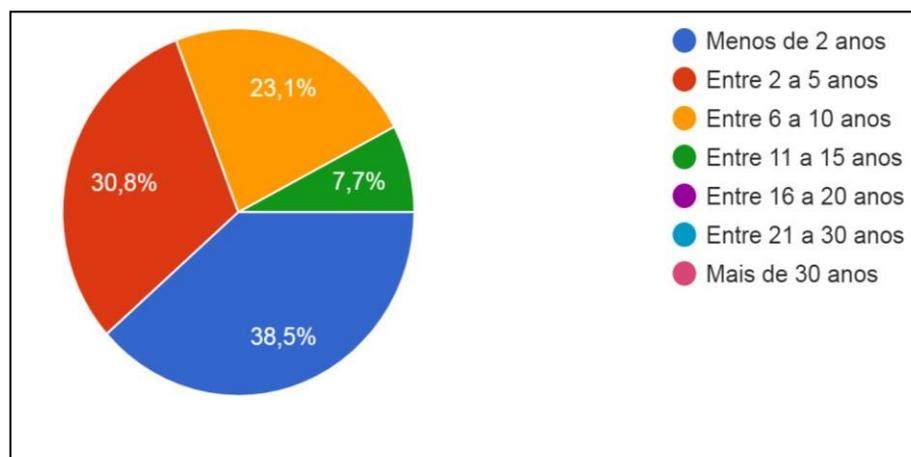
Gráfico 4 - Tempo de docência na educação em geral



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

Com referência ao tempo em que esses professores trabalham na etapa da pré-escola, nota-se que os maiores grupos são profissionais que atuam há menos de 2 anos na pré-escola como docentes.

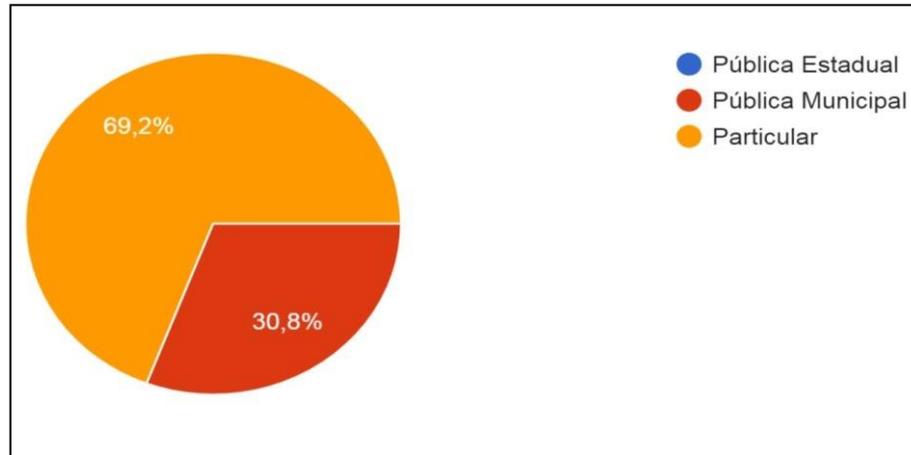
Gráfico 5 - Tempo de docência na etapa pré-escola



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A última pergunta que compõe o perfil dos participantes da pesquisa, diz respeito a administração da escola em que trabalham. As respostas permitem identificar a grande presença da rede privada no atendimento à infância.

Gráfico 6 - Administração de escola



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

Os últimos dados nos revelam que a grande maioria dos docentes atua em escolas de rede privada, sendo esses 69.2%. O restante, que somam 30.8%, atuam na rede pública municipal. Percebemos também que nenhum dos pesquisados trabalha na rede pública estadual, algo perceptível no Rio Grande do Sul com o fechamento de inúmeras turmas de Educação Infantil em escolas estaduais e a responsabilização da oferta na rede municipal, vinculada entre federados.

O tempo de docência entre os professores que participaram da pesquisa é bastante diversificado, variando entre 02 e 30 anos. Sendo que, cinco participantes atuam na área da educação entre 2 e 5 anos, três participantes entre 6 e 10 anos, dois participantes entre 11 e 15 anos, dois participantes entre 21 e 30 anos e um único participante atua a menos de 2 anos.

Agora, referindo-se ao tempo de atuação na etapa da pré-escola, identifica-se que dos 13 docentes, a maioria atua a menos de 2 anos, sendo esses um total de 5 participantes. Quatro participantes atuam entre 2 e 5 anos, três entre 6 e 10 anos e por fim, somente um participante atua a mais tempo com a pré-escola, entre 11 e 15 anos.

Tendo como base o perfil dos participantes, podemos concluir que: todos são do sexo feminino; a idade predominante é de entre 19 e 30 anos; a grande maioria tem formação completa em Pedagogia, totalizando dez participantes; o tempo de

atuação docente é bem eclético, variando entre menos de 2 anos até 30 anos, porém com maior percentual entre 2 e 5 anos de atuação; e o tempo de docência na etapa da pré-escola é em sua maioria de menos de 2 anos e em seguida, entre 2 e 5 anos.

Assim, percebemos que o pequeno tempo de atuação dos pedagogos participantes da pesquisa estava na pré-escola na Educação Infantil. Porém, a grande

maioria já tem um bom tempo de experiência na docência em outros níveis educacionais. Encontra-se assim, um perfil de pedagogos com idade que variam de 19 e 30 anos. Outro dado curioso é que os quatro professores que atuam na rede municipal de ensino são os que têm maior tempo de experiência docente.

Apresento a seguir, um quadro síntese contendo o perfil de cada participante, para melhor visualização do mesmo.

Quadro 1 - Perfil dos participantes do questionário

Nome	Sexo	Idade	Formação	Experiência docente	Atuação com a pré-escola	Administração da escola que atua
P1	Feminino	19-30	Pedagogia	2-5 anos	-2 anos	Particular
P2	Feminino	19-30	Pedagogia	6-10 anos	2-5 anos	Municipal
P3	Feminino	41-50	Outra licenciatura	21-30 anos	2-5 anos	Particular
P4	Feminino	19-30	Pedagogia	2-5 anos	-2 anos	Particular
P5	Feminino	41-50	Pedagogia	21-30 anos	2-5 anos	Municipal
P6	Feminino	19-30	Pedagogia	2-5 anos	-2 anos	Particular
P7	Feminino	19-30	Estudante de Pedagogia	-2 anos	6-10 anos	Particular
P8	Feminino	31-40	Pedagogia	11-15 anos	11-15 anos	Particular
P9	Feminino	19-30	Estudante de Pedagogia	6-10 anos	2-5 anos	Particular
P10	Feminino	19-30	Magistério e Pedagogia	6-10 anos	6-10 anos	Municipal
P11	Feminino	31-40	Pedagogia	11-15 anos	6-10 anos	Municipal
P12	Feminino	19-30	Pedagogia	2-5 anos	-2 anos	Particular
P13	Feminino	19-30	Pedagogia	2-5 anos	-2 anos	Particular

Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A partir desses dados, é possível compreender melhor sobre o perfil dos participantes, que em sua maioria possuem menos de dois anos de atuação docente na etapa da pré-escola na Educação Infantil, atuam em escolas privadas e têm idade prevalente entre 19 e 30 anos. Porém, é necessário aprofundar as questões analisadas para responder o problema principal dessa pesquisa.

Em seguida, serão analisados os resultados das demais perguntas contidas no questionário semi-estruturado, em categorias de análise, a fim de responder o problema da presente investigação.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para realizar a análise dos resultados obtidos perante as perguntas do questionário, resolvi agrupar as mesmas em três categorias, facilitando assim a observação e descrição delas. Dessa maneira, as categorias são nomeadas de: 1 - Dificuldade de fala na sala de aula; 2 - Diagnóstico e desenvolvimento; e 3 - Além da escola.

Sendo assim, considerando as respostas obtidas, foram criadas categorias para que houvesse uma análise, discussão e aprofundamento junto ao referencial teórico já existente nesta pesquisa, contribuindo então para o sinalizar possíveis resultados da investigação.

A primeira categoria, denominada “Dificuldade de fala na sala de aula”, enfatiza a importância que o professor tem ao observar se alguma criança possui dificuldade na fala e a forma com que ele potencializa esse desenvolvimento infantil junto ao agrupamento etário das crianças pequenas na Educação Infantil.

A segunda categoria, denominada “Diagnóstico e desenvolvimento”, busca analisar se as crianças que possuem alguma dificuldade na fala receberam diagnóstico especializado, e como essa dificuldade é encarada perante o ensino-aprendizagem. E ainda mostra se os pedagogos participantes da pesquisa contam com conhecimento de aporte teórico e/ou prático ou, ainda, possuem alguma formação específica sobre o desenvolvimento da linguagem para lidar com possíveis dificuldades.

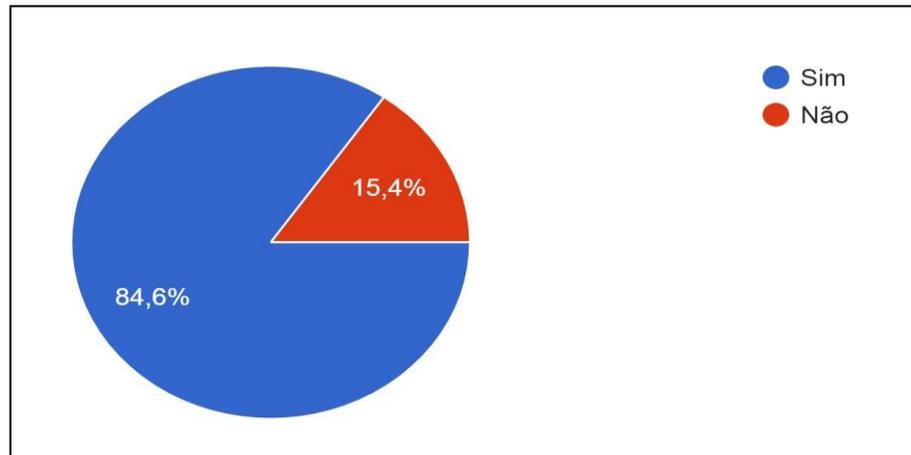
A terceira e última categoria, denominada “Além da escola”, procura entender a relação da escola com a família da criança que possui dificuldade na fala, verificando se a criança frequenta outros profissionais e se o professor tem contato com estes para realizar um trabalho multiprofissional.

5.1 DIFICULDADE DE FALA NA SALA DE AULA

A primeira categoria apresentada será sobre a dificuldade de fala na sala de aula, onde os pedagogos que participaram da presente pesquisa, registram se percebem dificuldades na fala, e que meios utilizam para a estimulação desta em sala de aula na Educação Infantil.

A questão inicial em relação ao assunto solicitava aos pedagogos que se manifestassem sobre a existência de alguma criança com dificuldade na fala em sua sala de aula, e onze dos treze participantes responderam que sim, como é possível ler no gráfico abaixo.

Gráfico 7 - Identificação de crianças com dificuldade na fala



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A segunda questão desta categoria instigava os participantes a descrever quais dificuldades na fala as crianças de sua sala de aula possuíam, e as respostas foram elencadas na tabela abaixo, seguindo o modelo do DSC, como descrito na metodologia.

Quadro 2 - Dificuldades na fala que as crianças possuíam

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- Alguns alunos apresentam <u>dificuldades nos fonemas</u> , outros apresentam <u>ansiedade em falar</u> e acabam falando errado.	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades nos fonemas; A • Ansiedade em falar. E
2- <u>Dificuldade na dicção e repertório de palavras</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade na dicção; A • Repertório. B
3- <u>Som do r</u> , <u>palavras compridas</u> , problemas de <u>violência doméstica</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Som do R; C • Palavras compridas; B • Violência doméstica. F
4- <u>Fala infantilizada</u> , <u>troca de fonemas</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Fala infantilizada; D • Troca de fonemas. A

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
5- <u>Trocas do R pelo L</u> , <u>língua presa</u> e <u>gagueira</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Troca do L pelo R; C • Língua presa; G • Gagueira. G
6- <u>Troca do "L" e "R"</u> , dificuldade em pronunciar <u>palavras com sílabas complexas</u> , entre outras.	<ul style="list-style-type: none"> • Troca do L e R; C • Palavras com sílabas complexas. B
7- Tenho uma criança com vários sintomas de <u>espectro autista</u> , na qual sua fala começou a progredir agora, está na fase dos balbucios ainda. E outro que apresenta <u>titubeação constante</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Espectro autista; H • Titubeação constante. E
8- <u>Deficiência no vocabulário</u> , <u>atraso na linguagem</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Deficiência no vocabulário; B • Atraso na linguagem. D
9- Na sua maioria as crianças têm dificuldade em <u>pronunciar algumas letras como o T o R</u> , <u>fala infantilizada</u> pelas famílias e assim a criança a repete quando se expressa.	<ul style="list-style-type: none"> • Pronúncia do T e R; C • Fala infantilizada. D
10- <u>Não fala nada</u> , sempre balbucia e <u>aponta para as coisas que quer</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Não fala nada; D • Aponta para o que quer. D
11- <u>Troca de letras</u> , além de <u>não compreender certas palavras</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Troca de letras; C • Não compreende certas palavras. B

Desta maneira, com base nas ideias centrais obtidas nas respostas dos participantes, optei por unificar as ideias centrais em conjuntos para realizar a análise das mesmas, dando origem ao discurso do sujeito coletivo.

O primeiro conjunto será das ideias centrais A, B e C descritas na tabela, e que compreendem as respostas ligadas aos fonemas, troca de letras e repertório de palavras. Esse conjunto de respostas foi o mais citado pelos docentes pesquisados, e podemos entender que são, então, as maiores dificuldades encontradas na sala de aula com crianças de 4 e 5 anos.

No subtítulo 2.4 foram esclarecidas o que se pode esperar da fala de crianças dessa faixa etária. Apesar de cada criança possuir suas particularidades e seu ritmo de aprendizagem e estímulos recebidos, nota-se que as dificuldades encontradas

ultrapassam o que já seria esperado para a idade. Um exemplo que podemos citar, de acordo com Prates e Martins (2011), é falar quase todos os sons da língua, manter uma conversa, conseguir contar histórias como narrador, imitar personagens, e que como visto no quadro 02, em aspecto no desenvolvimento da fala, não acontece em grande parte das respostas obtidas.

Assim, vemos que a estimulação deve ser trabalhada constantemente, de maneira correta, com trava-línguas, cantigas, contação de histórias nos seus mais diversos sentidos e o faz de conta. Piaget (1983) reforça que a criança consegue se expressar da melhor forma, quando a aprendizagem utiliza o simbolismo. Característico da etapa pré-operatória esclarecida por Piaget (1983), nota-se que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem estão intimamente ligados às relações do sujeito com o meio e com os objetos que os cercam.

O segundo conjunto será das ideias centrais D e E que representam as respostas identificadas como fala infantilizada, ansiedade ao falar, apontar para o que quer sem se pronunciar e o atraso na linguagem propriamente dito. Nas respostas deste conjunto pode-se perceber que a relação da dificuldade está conectada ao estímulo que a criança está recebendo. Lima e Alves (2016) relembram que a criança tem o adulto como espelho, portanto, é sobre o adulto que ela se baseia e o imita. E, neste caso, o espelho fala com ela de maneira não apropriada ou não garante que ela se pronuncie.

O bebê apresenta, na idade em que começa a imitar a fala de outras pessoas, uma explosão na quantidade de neurônios-espelho. Os neurônios-espelho têm exatamente a função de espelhar, ou seja, de fazer o bebê imitar tudo que ele vê os outros fazendo. esse tipo de neurônio exerce um papel central na aquisição dos fonemas, no desenvolvimento motor das crianças e no aprendizado social, entre outras coisas. (TRENTINI, 2018, p. 68.)

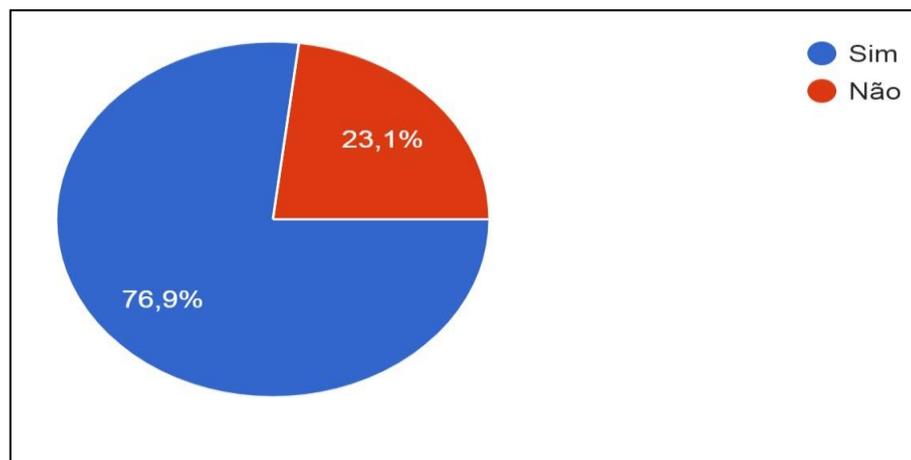
Piaget (1983) afirma que o desenvolvimento da criança tem sua efetivação perante a sua interação com o mundo e como os sujeitos que as rodeiam exercem esse papel de estímulo e cuidado. No estágio pré-operatório, estágio na qual o agrupamento do escopo da pesquisa se encontra, a criança passa a depender menos do adulto para realizar tarefas simples, e cabe ao adulto ceder para a criança essa autonomia, até que ela se efetive por completo, segundo Piaget (1962).

O terceiro conjunto será das ideias centrais F, G e H, e dizem respeito às respostas como violência, gagueira, língua presa e autismo. Esse conjunto, menos citado entre os participantes da pesquisa, revela importantes aspectos a serem

considerados diante do desenvolvimento da fala, porém não houve tempo hábil de pesquisa para aprofundar esses estudos, bem como identificam-se que são elementos que se distanciam do tema central da pesquisa.

Dando continuidade às perguntas dessa categoria, a seguinte perguntava se os participantes destinavam momentos específicos para potencializar as expressões orais e a fala durante as aulas. Lê-se no gráfico número 8, que dez dos treze docentes deram resposta afirmativa.

Gráfico 8 - Destinação de momentos para trabalhar a fala



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A quarta e última pergunta, referente à questão anterior, questionava os pedagogos sobre atividades que incluíam em seus planejamentos para potencializar o desenvolvimento da fala. As respostas estão na tabela abaixo:

Quadro 3 - Atividades para potencializar o desenvolvimento da fala

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- Tenho como rotina escolar momentos de <u>cantar canções infantis</u> , fazendo com que os alunos cantem juntos. Além disso, durante as <u>contações de história</u> <u>indago os alunos a falarem</u> algo sobre a história contada, ou <u>recriarem através da linguagem oral novos desfechos</u> para a referida história.	<ul style="list-style-type: none"> • Canções infantis; A • Contações de história; B • Recriar através da fala desfechos para a história. D

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
2- <u>Roda de conversa</u> , brincadeiras com <u>rimas, parlendas, trava-línguas e rotinas de pensamentos</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa; C • Rimas, parlendas e trava-línguas; E • Rotina de pensamentos. D
3- Quando ouço que está "errada" a pronúncia falo de maneira correta, sem dizer que está errado, mas <u>acentuo o som mais alto</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Quando a criança fala algo errado, acentuo o som mais alto. F
4- <u>Rodas de conversa</u> , <u>questionamentos</u> durante as brincadeiras, <u>músicas</u> ...	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa; C • Questionamentos; D • Músicas. A
5- <u>Cantigas</u> , <u>trava línguas</u> , <u>poesias</u> , <u>roda de conversa</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Cantigas; A • Trava-línguas, poesias; E • Roda de conversa. C
6- <u>Rodas de conversa</u> , <u>imitar animais</u> , <u>sons</u> ...	<ul style="list-style-type: none"> • Rodas de conversa; C • Imitar som dos animais; G • Sons. A
7- Momentos de <u>leitura e oralidade</u> , com <u>rodas de conversa</u> , <u>musicalização</u> , etc.	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e oralidade; B • Rodas de conversa; C • Musicalização. A
8- <u>Teatro</u> , <u>contação de histórias</u> , <u>repetição de falas</u> , <u>bingos</u> , <u>dominós</u> que incentivam todos a falarem e imaginarem.	<ul style="list-style-type: none"> • Teatro; H • Contação de histórias; B • Repetição de falas; G • Bingos e dominós interativos. H
9- <u>Roda de conversa</u> , <u>interação na contação de histórias e rimas</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa; C • Contação de história; B • Rimas. E
10- <u>Contação de história</u> , atividades com o <u>som das letras</u> , atividade de <u>escuta de novas palavras</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Contação de história; B • Som das letras; G • Escuta de novas palavras. G

Unificando as ideias centrais em conjuntos, conforme realizado na tabela anterior, pode-se ter noção das principais atividades realizadas pelos docentes em sala de aula para a estimulação e desenvolvimento da fala.

O primeiro conjunto representa as letras A, B e E e é composto por atividades musicais, contação de histórias e conhecimento de rimas, trava-línguas e parlendas. São atividades de suma importância para todas as áreas do desenvolvimento infantil, principalmente da linguagem oral, segundo a BNCC (2017). É importante que na etapa

da educação infantil as crianças possam falar e ouvir, tendo participação por completo na linguagem oral, pois é através destas atividades que ela se constitui como sujeito singular. Assim:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatuñas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2017, p. 44)

As rimas, parlendas e músicas entram em conjunto com a contação de histórias, fazendo que as crianças possam interagir com os mais diversos meios de comunicação, podendo inventar suas próprias brincadeiras cantadas, poesias, rimas, alterando ritmo, tendo conhecimento de mundo e de todas suas próprias possibilidades.

O segundo conjunto, representado pelas letras C, D e H, são representados pelas rodas de conversa, questionamentos e pelas brincadeiras lúdicas que podem auxiliar nesse processo de desenvolvimento. A roda de conversa foi a atividade mais citada entre os docentes, e sabemos que é uma das opções metodológicas possíveis de execução em muitas escolas para a infância. Isso ocorre porque as crianças adoram contar sobre a sua vida, seu dia a dia, e possibilitam que o pedagogo tenha mais conhecimento sobre elas e assim os conduza da melhor maneira perante o ensino-aprendizagem, como nos mostra o DCN:

É importante lembrar que dentre os bens culturais que crianças têm o direito a ter acesso está a linguagem verbal, que inclui a linguagem oral e a escrita, instrumentos básicos de expressão de idéias, sentimentos e imaginação. A aquisição da linguagem oral depende das possibilidades das crianças observarem e participarem cotidianamente de situações comunicativas diversas onde podem comunicar-se, conversar, ouvir histórias, narrar, contar um fato, brincar com palavras, refletir e expressar seus próprios pontos de vista, diferenciar conceitos, ver interconexões e descobrir novos caminhos de entender o mundo. É um processo que precisa ser planejado e continuamente trabalhado. (BRASIL, 2013, p. 94)

As brincadeiras lúdicas, também mobilizam aprendizados das crianças pequenas, uma vez que são os eixos norteadores na Educação Infantil, e a base para qualquer desenvolvimento da criança,

[...] entendemos que é inquestionável o direito de brincar no desenvolvimento da criança, inclusive na escola, pois muitas crianças não possuem essas vivências no ambiente social principalmente por ser esta a principal atividade em seu desenvolvimento, razão pela qual todo o processo educativo a exige. (CALDAS, PACÍFICO, 2021, p. 03)

Cabe ao pedagogo (BRASIL, 1998) criar situações de conversas e brincadeiras orientadas, propiciando à criança escolher seus materiais, temas e objetos. Esse tipo de metodologia promove a troca entre as crianças e o mundo que as cercam, para que possam se comunicar e expressar em um ambiente que promova conforto e confiança. Nesse quesito podemos citar o teatro e as encenações como uma estratégia viável para a Educação Infantil, pois promovem o envolvimento dos educandos, e estes passam a se expressar por meio da linguagem oral e corporal. O pedagogo contribui com outros significados a objetos do cotidiano da criança.

O terceiro conjunto, diz respeito às letras F e G, representados por atividades de reconhecimento de palavras, som das letras e ainda o modo de corrigir quando a criança falou alguma palavra de maneira incorreta. As palavras e situações que se relacionam com a escrita instigam as crianças de 4 e 5 anos, por isso a BNCC (BRASIL, 2017) cita algumas atividades que podem ser desenvolvidas de forma coletiva na Educação Infantil, como folhear jornais e revistas em busca de palavras e letras conhecidas e registro de palavras através da escrita espontânea.

O modo em que corrigimos a criança também interfere de modo direto no processo de desenvolvimento da fala, pois a criança pode se sentir um mal falante, como se estivesse fazendo algo de muito errado, assim:

Se chamam a sua atenção e ela recebe correções de forma inadequada ou num momento impróprio, pode passar a se enxergar como um mau falante, ou pode passar a enxergar sua fala como sendo errada, negativa. Justo na mesma época que ela constrói seus conceitos de certo/errado, bom/mau, bem/mal, pior/melhor. (TRENTINI, 2018, p. 34)

Ainda, segundo Trentini (2018) existem atitudes facilitadoras que auxiliam a comunicação, estimulando a criança a falar mais, sendo eles: não interromper a fala; esperar a pessoa terminar de falar; não tentar completar a fala; prestar mais atenção à mensagem, do que à forma que está sendo dito; tentar entender o que a criança

comunicou, seja com linguagem oral ou corporal; e interpretar, atender e empoderar as intenções comunicativas da criança.

Dessa maneira, conseguimos perceber o quanto os estímulos e o modo de comunicação que oferecemos para as crianças interferem de forma completa no desenvolvimento da linguagem oral e cognitiva como um todo. Estímulos adequados favorecem a aquisição da fala e continuam sendo importantes ao longo de todo o desenvolvimento.

No subtítulo a seguir, escreverei a segunda categoria de pesquisa, denominada “Diagnóstico e desenvolvimento”, referentes às questões 08, 11, 12, 13 e 14 do questionário.

5.2 DIAGNÓSTICO E DESENVOLVIMENTO

A segunda categoria de análise, denominada por “Desenvolvimento e diagnóstico” visa compreender se os pedagogos participantes da pesquisa possuem conhecimento abrangente sobre o desenvolvimento da fala: como se deu o diagnóstico das crianças que têm essa dificuldade; e quais as dificuldades percebidas pelo pedagogo perante o ensino-aprendizagem.

A primeira questão desta categoria interrogava os participantes a dizer se possuíam alguma formação específica sobre o desenvolvimento da linguagem e, somente dois dos treze participantes revelaram afirmativamente. O primeiro deles com formação de pesquisa em epistemologia na área da filosofia que envolve temas referentes à linguagem, uma especialização em produção textual e sobre o cuidado do manifestar fenomenológico no mestrado. A segunda elencou que possui especialização em educação inclusiva, ou seja, em alguma parte desta etapa estudou a temática da linguagem.

A questão seguinte indagava aos participantes sobre o diagnóstico das crianças identificadas com dificuldade na fala e o apoio de outros profissionais. Também solicitou-se que apontassem possíveis motivos para a dificuldade. As respostas foram elencadas na tabela abaixo, sendo respondidas por dez dos treze participantes.

Quadro 4 - Motivos para a dificuldade na fala

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- Sim, ambos foram <u>encaminhados para fonoaudiólogos.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Encaminhamento para fonoaudiólogos. A
2- Não, às vezes a <u>dificuldade é confundida com timidez, porém, acredito que seja por falta de estímulo.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade confundida com timidez; B • Falta de estímulo. C
3- <u>Síndrome de down, retardo em alguns processos de aprendizagem, surdos...</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Síndrome de Down, retardo em alguns processos de aprendizagem, surdos. D
4- As <u>dificuldades são bastante visíveis quando da conversa espontânea com essas crianças.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades visíveis em conversas espontâneas. E
5- Não possuem, mas é <u>possível a identificação da dificuldade de fala apenas na conversação.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da dificuldade apenas na conversação. E
6- Nem todas. Algumas <u>famílias demonstram maior resistência em procurar auxílio especializado, mesmo quando orientadas.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Famílias demonstram resistência em procurar auxílio especializado. F
7- Nenhum é diagnosticado. <u>Identifiquei pois há uma grande diferença entre os de mais e o esperado para a faixa etária.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Diferença com os demais e o esperado para a faixa etária. E
8- Não tem diagnóstico. <u>Identifiquei quando não compreendia o que a criança falava, pedindo que repetisse várias vezes para conseguir entender o seu desejo.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Não compreendia quando a criança falava. E
9- Não.	-
10- Não, <u>foi sugerido o encaminhamento para uma fonoaudióloga, mas a família está relutante.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Família relutante em encaminhar para o fonoaudiólogo. F

Unindo em conjunto as ideias centrais acima, percebe-se de que maneira é feito o diagnóstico das crianças com dificuldade na fala e se as mesmas possuem acompanhamento com algum tipo de especialista. As ideias centrais foram divididas em 3 conjuntos, explicitados a seguir.

O primeiro conjunto, representado pelas letras A e F, demonstra que o encaminhamento para um fonoaudiólogo da criança que apresenta dificuldades na fala, encontra resistência da família em realizar esse encaminhamento.

Sabe-se que para alguns pais é muito difícil encarar que o filho tenha alguma dificuldade, mesmo que seja algo considerado uma dificuldade leve. Porém, há ainda muita resistência em procurar auxílio especializado. Surge a fase da negação, onde as expectativas e idealizações que os pais tinham a respeito do filho começam a decair, dando início a uma fase de luto.

Nessa fase do “luto”, ouvimos muitos pais minimizarem as dificuldades dos filhos, dizendo que não têm nada, que tudo aquilo é preguiça de falar. Pais que até desconfiam que o filho tenha algum problema real, mas que por medo dessa possibilidade, medo de um diagnóstico, evitam falar sobre isso e evitam buscar ajuda. Ou que até buscam ajuda (só para calar a boca das pessoas que ficam apontando problemas em seus filhos), mas quando ouvem opiniões de um profissional da área acham que se trata de algo absurdo e não conseguem conceber que essa possibilidade seja real. (TRENTINI, 2018, p. 168)

Por isso, a conversa agradável com os pais da criança, por mais que assuste, poderá os incentivar a buscar ajuda. A escola poderá intermediar e manter-se em apoio, pois muitas vezes é algo muito assustador para eles. Dessa maneira, vê-se a importância de um profissional para essa nova fase na vida da criança e de todos que a cercam.

O segundo conjunto, correspondente às letras B e D, diz sobre dois aspectos importantes em relação ao assunto que são as deficiências que a criança já possui, quando a dificuldade é confundida com timidez e deixa de ser vista da maneira correta.

O primeiro aspecto não é abrangido nesta pesquisa, porém é importante salientar que quando diagnosticada com algum transtorno ou déficit, todo e qualquer tratamento e acompanhamento é válido, principalmente se tratando da comunicação. O segundo aspecto relacionado a timidez deve ser muito bem avaliado pois realmente pode acontecer este tipo de engano, porém só um profissional capacitado sinaliza se há alguma dificuldade, ou se é timidez e/ou falta de estímulo. Assim, podemos elencar, mais uma vez, a importância do trabalho conjunto entre escola e família, unindo de maneira tranquila esse processo que pode ser difícil para ambas as partes como citado acima.

O terceiro conjunto, correspondido pelas letras C e E, correspondem aos aspectos que mais vezes foram relacionados na pesquisa, que são a falta de estímulo

e que os próprios professores observaram a dificuldade na fala durante conversas cotidianas da sala de aula.

Esse aspecto permite compreender na pesquisa, o papel do pedagogo perante as crianças pequenas, em como o professor pode ser capaz de observar situações que muitas vezes passam despercebidas aos olhos dos pais. Dessa forma, a avaliação por parte do professor e da escola se torna essencial para que ambas possam estabelecer as prioridades no âmbito do ensino, definindo os pontos que merecem maior atenção.

No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, o professor deve compartilhar com elas aquelas observações que sinalizam seus avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades. São várias as situações cotidianas nas quais isso já ocorre, como, por exemplo, quando o professor diz: “Olhe que bom, você já está conseguindo se servir sozinho”, ou quando torna observável para as crianças o que elas sabiam fazer quando chegaram na instituição com o que sabem até aquele momento. (BRASIL, 1998, p. 60)

As avaliações de desenvolvimento podem ser realizadas das mais diferentes formas, como o registro da observação da proposição de atividades previamente elaboradas. Um exemplo de atividade são o faz-de-conta e o brincar simbólico, citado fortemente por Piaget no capítulo 2 desta pesquisa. Além disso, a BNCC (BRASIL, 2017) enfatiza que o brincar é um direito de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil. Assim, ao “observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções”.

As rodas de conversa, como proposta pedagógica mais citada nas respostas dos participantes, é o principal elemento que o pedagogo conhece para propiciar momentos de aprendizagem e conhecimento das crianças, como nos mostra o DCN:

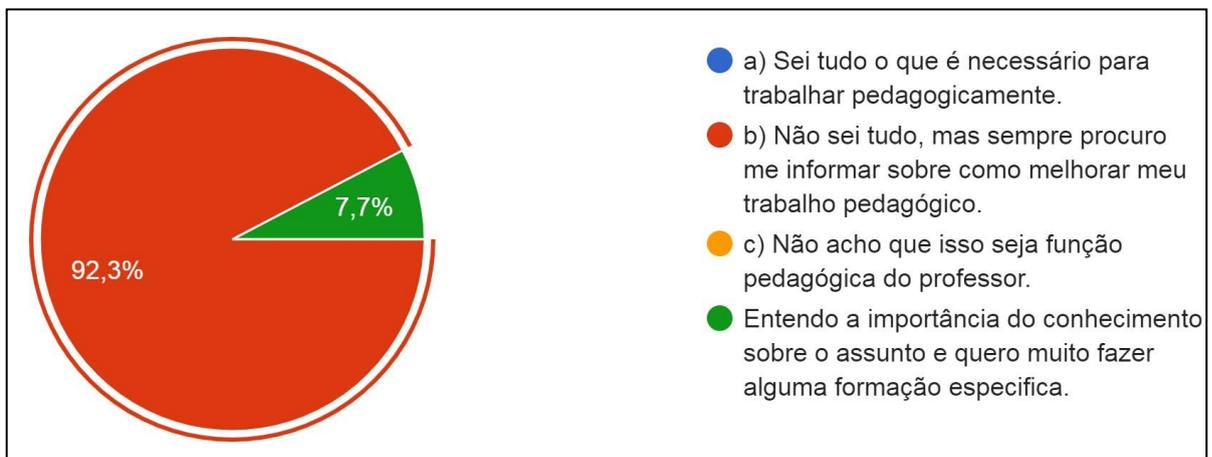
Atividades realizadas pela professora ou professor de brincar com a criança, contar-lhe histórias, ou conversar com ela sobre uma infinidade de temas, tanto promovem o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses pessoais, quanto ampliam as possibilidades da professora ou professor de compreender e responder às iniciativas infantis. (BRASIL, 2013, p.87)

Por fim, entende-se que a maioria dos pedagogos pesquisados utilizam do brincar e da conversa como meio de avaliação de desenvolvimento e espaços

integrados para observação de situações cotidianas que interferem diretamente no ensino-aprendizagem das crianças.

A terceira questão desta categoria, interrogava os participantes a responderem qual era o seu nível de conhecimento sobre dificuldades na fala. Doze dos 13 participantes responderam que não sabem tudo, mas sempre procuram se informar sobre como melhorar o trabalho pedagógico. Um participante respondeu que entende sobre a importância do conhecimento neste assunto e pretende realizar alguma formação específica, como é possível ler no gráfico abaixo:

Gráfico 9 - Conhecimento sobre dificuldade na fala



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A quarta questão desta categoria, indagava os docentes sobre dificuldades percebidas no ensino-aprendizagem das crianças com dificuldade na fala, e as respostas de dez participantes estão na tabela a seguir:

Quadro 5 - Dificuldades presentes no ensino-aprendizagem

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- Percebi <u>dificuldades de interação entre os próprios educandos</u> durante as brincadeiras.	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade de interação. A
2- Sim, <u>dificuldade em expressar suas ideias e pensamentos</u> e relatar suas dificuldades e anseios.	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade em se expressar. B

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
3- <u>Preconceito, interferências no ensino aprendizagem, socialização.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Preconceito; A • Interferência no ensino-aprendizagem; C • Socialização. A
4- Sim, pois com a dificuldade na fala, muitas vezes a criança <u>não consegue se expressar, ficando tímida</u> , o que <u>dificulta sua socialização e interação.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Timidez; B • Dificuldade na socialização e interação. A
5- Algumas trocas de fonemas na fala <u>interferem no processo de escrita.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Interferência no processo de escrita. C
6- Sim, a <u>alfabetização das crianças com dificuldade na fala se torna mais complicada.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Complicação na alfabetização. C
7- Sim, além de demonstrarem maior <u>dificuldade ao longo do processo de alfabetização</u> , há casos em que as crianças aparentam <u>desconforto ao se comunicar com os outros</u> , por não se sentirem compreendidas, <u>gerando ansiedade e outras dificuldades socioemocionais.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade no processo de alfabetização; C • Desconforto ao se comunicar com os outros; A • Ansiedades e dificuldades socioemocionais. B
8- Na educação infantil, especialmente na idade de 3 pra 4 anos, utiliza-se a fala para tudo e esses dois casos que citei, <u>não conseguem se relacionar com os colegas</u> por conta da falta da fala.	<ul style="list-style-type: none"> • Não conseguem se relacionar com os colegas. A
9- Sim.	-
10- Sim. <u>Dificuldade de se expressar</u> <u>Dificuldade na leitura espontânea</u> <u>Dificuldade na identificação das letras, sons.</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em se expressar; B • Dificuldade na leitura espontânea e na identificação de letras e sons. C

Agrupando as ideias centrais mencionadas na tabela acima, podemos compreender quais são as dificuldades enfrentadas pelas crianças que ainda se encontram em desenvolvimento da linguagem. As respostas foram divididas em dois conjuntos que estão explicados a seguir.

O primeiro conjunto, corresponde às letras A e B, e dizem respeito a interação e socialização das crianças, bem como a timidez e dificuldade de expressão. Essas

respostas foram as mais citadas pelos participantes quando questionados sobre as dificuldades que eles observavam nas crianças durante a observação do desenvolvimento da fala e da linguagem.

A socialização e interação com o outro e com o meio em que a criança está inserida é de suma importância para todo o desenvolvimento infantil, não somente para a linguagem e fala. Como já mencionado no capítulo 2, Piaget afirma que a aquisição e desenvolvimento da linguagem está totalmente ligada nas interações do sujeito com o meio e com o objeto. Segundo Lima e Alves (2016, p.22) o “desenvolvimento cognitivo dá-se pela transmissão social, que acontece quando há uma assimilação ativa por parte do indivíduo e, se a interação do sujeito com o meio for estimulante, resultará no desenvolvimento”.

Piaget, assim como Wallon e Vygotsky, nos introduz a linha sócio-interacionista, que se apoia na ideia de que existe uma interação constante entre o sujeito e o meio e que esta interação é essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Se considerarmos a escola como um dos meios com o qual a criança tem mais contato, esta se constitui como peça fundamental no desenvolvimento infantil. (SOUZA E WECHSLER, 2014, p.135)

Tomando por base a interação como elemento importante para o desenvolvimento infantil, precisamos elencar maneiras de contribuir para que essa socialização ocorra de modo adequado, principalmente com as crianças que possuem alguma dificuldade. O brincar, é sem dúvidas, o melhor incentivo para que essa socialização aconteça, e de acordo com Fortuna (2006, p. 01) “A transmissão e valorização da brincadeira é uma dessas trilhas que levam o indivíduo a condição de membro de um grupo, gerando laços de pertencimento e compromisso”.

Assim, percebemos o quanto o brincar acrescenta no desenvolvimento infantil como um todo, proporcionando experiências únicas e valiosas para esta etapa da vida.

Essas situações favorecem o desenvolvimento de aprendizagem nas crianças, inclusive aprendizados sociais, sobre regras de conduta sociais e morais. Neste contexto é importante ressaltar o papel do professor, que deve ser o de fornecer uma estrutura dentro da qual as crianças possam interagir, contestando, resolvendo problemas, testando ideais e encontrando estratégias de aprendizagem. (MACHADO, 2010, p. 45)

Assim, é necessário que os pedagogos promovam o brincar como parte de um projeto, com objetivos e intencionalidades. Reafirma-se que isso é primordial para o desenvolvimento infantil, em conjunto com a fala e a linguagem.

O outro conjunto corresponde somente à letra C, caracterizado pela dificuldade no processo de alfabetização entre as crianças que dispõem de alguma dificuldade de fala e linguagem.

Esse é um ponto bem considerável e que merece bastante atenção por parte da escola e das famílias, pois algumas dificuldades se não identificadas antecipadamente podem trazer alguns prejuízos para a fase da alfabetização, considerada a fase mais marcante do período escolar no Ensino Fundamental. A BNCC (BRASIL, 2017), nos traz a síntese de aprendizagem que a criança deve ter concebido durante a educação infantil para o pleno ingresso no ensino fundamental e com ele, a alfabetização.

Quadro 6 - Síntese das Aprendizagens

SÍNTESE DAS APRENDIZAGENS	
O eu, o outro e o nós	<p>Respeitar e expressar sentimentos e emoções.</p> <p>Atuar em grupo e demonstrar interesse em construir novas relações, respeitando a diversidade e solidarizando-se com os outros.</p> <p>Conhecer e respeitar regras de convívio social, manifestando respeito pelo outro.</p>
Corpo, gestos e movimentos	<p>Reconhecer a importância de ações e situações do cotidiano que contribuem para o cuidado de sua saúde e a manutenção de ambientes saudáveis.</p> <p>Apresentar autonomia nas práticas de higiene, alimentação, vestir-se e no cuidado com seu bem-estar, valorizando o próprio corpo.</p> <p>Utilizar o corpo intencionalmente (com criatividade, controle e adequação) como instrumento de interação com o outro e com o meio.</p> <p>Coordenar suas habilidades manuais.</p>
Traços, sons, cores e formas	<p>Discriminar os diferentes tipos de sons e ritmos e interagir com a música, percebendo-a como forma de expressão individual e coletiva.</p> <p>Expressar-se por meio das artes visuais, utilizando diferentes materiais.</p> <p>Relacionar-se com o outro empregando gestos, palavras, brincadeiras, jogos, imitações, observações e expressão corporal.</p>

SÍNTESE DAS APRENDIZAGENS	
Escuta, fala, pensamento e imaginação	<p>Expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios.</p> <p>Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida.</p> <p>Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas.</p> <p>Conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação.</p>
Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	<p>Identificar, nomear adequadamente e comparar as propriedades dos objetos, estabelecendo relações entre eles.</p> <p>Interagir com o meio ambiente e com fenômenos naturais ou artificiais, demonstrando curiosidade e cuidado com relação a eles.</p> <p>Utilizar vocabulário relativo às noções de grandeza (maior, menor, igual etc.), espaço (dentro e fora) e medidas (comprido, curto, grosso, fino) como meio de comunicação de suas experiências.</p> <p>Utilizar unidades de medida (dia e noite; dias, semanas, meses e ano) e noções de tempo (presente, passado e futuro; antes, agora e depois), para responder a necessidades e questões do cotidiano.</p> <p>Identificar e registrar quantidades por meio de diferentes formas de representação (contagens, desenhos, símbolos, escrita de números, organização de gráficos básicos etc.).</p>

Fonte: Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Dessa maneira, podemos observar o grande impacto que a dificuldade na fala pode acarretar nos períodos subsequentes à educação infantil. Por isso, enfatizo que se diagnosticado de maneira correta, a dificuldade na fala se torna um pequeno empecilho e que pode, de forma tranquila, ser superado.

A quinta e última pergunta desta categoria, indagava os docentes a comentar se a graduação ou outra modalidade de ensino que cursaram deram aporte teórico e/ou prático sobre o processo de desenvolvimento da fala. As respostas foram dadas pelos treze participantes da pesquisa e estão exemplificadas na tabela abaixo.

Quadro 7 - Aporte teórico destinado ao desenvolvimento da fala

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- Acredito que <u>sim</u> , mas <u>poderia existir mais de uma disciplina</u> além de oralidade e letramento, algumas <u>palestras com fonoaudiólogos seria interessante</u> e muito rico para o processo de formação dos pedagogos.	<ul style="list-style-type: none"> • Sim; A • Poderia existir mais disciplinas; B • Palestras com fonoaudiólogos seria interessante. C

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
2- <u>Não muito</u> . Acredito que a <u>graduação te leva até um certo lugar</u> , depois desse lugar, <u>você tem que caminhar e buscar o conhecimento sobre algo por você</u> . Somos eternos aprendizes.	<ul style="list-style-type: none"> • Não muito; B • A graduação te leva até certo lugar, depois você tem que caminhar em busca do conhecimento. C
3- <u>Sim</u> , mais <u>no magistério</u> do que na pedagogia. <u>Trabalhamos bastante sobre isso</u> , como a fala está atrelada a todas as <u>diversas áreas</u> que trabalhamos na educação infantil.	<ul style="list-style-type: none"> • Sim; A • No magistério mais do que na pedagogia; B • Trabalhamos como a fala está atrelada a todas as diversas áreas. C
4- <u>Não existe uma formação específica que consiga dar conta de todas as informações</u> necessárias para resolver todas as situações que ocorrem na prática das escolas.	<ul style="list-style-type: none"> • Não existe uma formação específica que consiga dar conta de todas as informações. B
5- <u>Muito pouco</u> , vemos o assunto na faculdade mas de <u>uma maneira pouco abrangente</u> , o que <u>acaba deixando-nos despreparados para lidar com a situação na prática</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Muito pouco; B • Maneira pouco abrangente; B • Nos deixa despreparados para lidar com a situação na prática. C
6- <u>Pouco</u> . A <u>graduação cita mais sobre quando a criança começa a falar</u> , mas <u>não fala sobre problemas que possam existir na fala</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco; B • Graduação cita mais quando a criança começa a falar; C • Não fala sobre problemas que possam existir. C
7- <u>Não</u> , durante a graduação nas <u>disciplinas de alfabetização se fala sobre o assunto de forma muito superficial e rasa</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Não; B • Disciplinas de alfabetização falam sobre o assunto de forma muito superficial. C
8- <u>Muito pouco</u> , na graduação <u>pouquíssimas disciplinas abordam esse tema</u> , e quando falam, é muito pouco.	<ul style="list-style-type: none"> • Muito pouco; B • Poucas disciplinas abordam o tema. B
9- Dentro da formação acadêmica <u>há pouco aporte sobre o desenvolvimento da fala</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Há pouco aporte sobre o desenvolvimento da fala. B
10- Estou no 4º semestre e <u>ainda não tive nenhum aporte sobre o assunto</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Não tive nenhum aporte sobre o assunto. B
11- Houve <u>pouco aporte referente ao assunto</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco aporte referente ao assunto. B
12- <u>O conhecimento é interdisciplinar</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento é interdisciplinar. C
13- <u>Não</u> .	<ul style="list-style-type: none"> • Não. B

Constituindo as ideias centrais, observamos que dez dos treze pedagogos participantes responderam que não receberam um aporte teórico e/ou prático adequado a respeito do desenvolvimento da fala durante a graduação ou outra modalidade de ensino. Alguns citaram disciplinas que abordavam o tema, porém de forma muito ampla, sem adentrar dentro de aspectos importantes e necessários sobre o mesmo. Uma única participante afirmou que teve um bom conhecimento durante o magistério e que conseguiu entender que a fala está atrelada a diferentes áreas e conhecimentos. Muitos afirmaram que o aporte teórico é pouco dialogado, deixando os acadêmicos despreparados para lidar com algumas situações que podem ocorrer.

Certas respostas indagaram que poderia haver aulas diferenciadas, com palestras com fonoaudiólogos, e aqui afirmo que deveriam acontecer mais formações continuadas para os pedagogos, em todos os níveis da educação, que fornecesse a ampliação do conteúdo teórico para compreender o desenvolvimento da fala e da linguagem. Cito também que poderia haver maiores pesquisas sobre o desenvolvimento da linguagem com a participação do pedagogo que encontra diariamente essas dificuldades em nossas escolas de Educação Infantil.

Como alguns participantes citaram, o conhecimento é contínuo, pois estamos sempre em busca de mais e, dessa maneira, deveríamos ter acesso a maiores e melhores informações sobre o assunto, independentemente de qual seja a área de estudo ou prática pedagógica.

No próximo subtítulo, será explicitada a última categoria de análise, denominada de “Além da escola”, referente às questões 15, 16 e 17 do questionário respondido pelos docentes participantes.

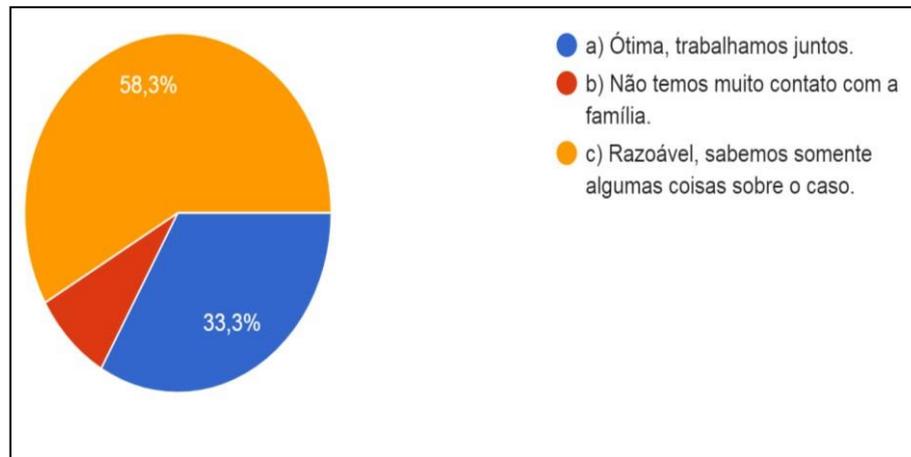
5.3 ALÉM DA ESCOLA

Esta última categoria de análise, nomeada de “Além da escola”, procura entender a relação entre escola/professor com a família da criança que possui dificuldade de linguagem. Também a compreensão sobre o fato dessas crianças frequentarem outros profissionais, além da escola, e se o pedagogo tem acesso a eles, realizando um trabalho concomitante.

A primeira pergunta desta categoria questionava aos pedagogos sobre a relação deles com a família da criança que possui dificuldade de fala. As respostas

foram de que 58.3% tem uma relação razoável, onde ficam sabendo somente o básico sobre a dificuldade de fala. Quatro participantes, sendo 33.3%, responderam que tem uma ótima relação com a família e trabalham em conjunto. Já um pedagogo, correspondendo a 8.3%, respondeu que não tem relação nenhuma com a família do educando. As respostas podem ser observadas no gráfico a seguir.

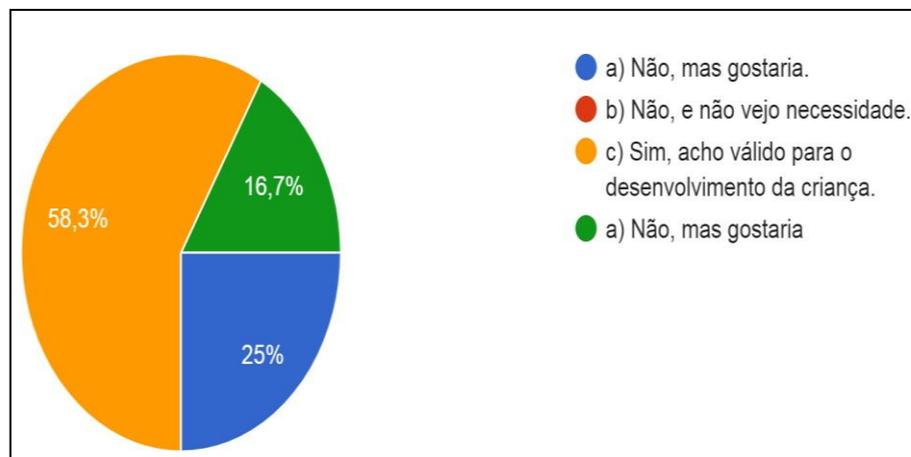
Gráfico 10 - Relação entre escola e família



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

A segunda questão interrogava aos participantes se eles tinham acesso aos demais profissionais que as crianças frequentavam fora do espaço escolar. As respostas que aparecem no gráfico 11, refletem a necessidade do apoio multiprofissional.

Gráfico 11 - Acesso aos demais profissionais frequentados pelas crianças



Fonte: Dados obtidos através do questionário desenvolvido e aplicado pela acadêmica responsável do referente trabalho de conclusão de curso, através do *Google Forms*. (Abril e maio 2021)

Como podemos observar, apenas sete dos doze participantes responderam afirmativamente. Já cinco responderam que não tem acesso a nenhum profissional, porém gostariam.

A meta dessa parceria se dará tanto nos aspectos que visam à otimização do processo de ensino e aprendizagem como no manejo de situações que sinalizam dificuldades nesse processo, e que, sendo precocemente detectadas, evitam a evolução de determinados quadros, propiciando melhores resultados. Ressaltam-se aqui os problemas relacionados à aquisição da escrita; alterações na oralidade, mais conhecidas como trocas e omissões de sons na fala; os comprometimentos vocais; problemas auditivos; distúrbios das estruturas e funções estomatognáticas, que afetam a articulação, a respiração, a deglutição e a mastigação. (FONOAUDIOLOGIA, 2016, p. 06)

Aqui cabe destacar a importância do trabalho simultâneo do fonoaudiólogo com a escola e pedagogos, proporcionando o desenvolvimento integral da criança que necessita desse auxílio na ampliação da fala ou desenvolvimento da linguagem.

O fonoaudiólogo pode solicitar uma visita à escola para observar o paciente no ambiente escolar. Pode também solicitar relatórios sobre o comportamento, desempenho e comunicação do paciente no ambiente escolar. Pode ainda solicitar reuniões com a coordenação pedagógica e/ou com os professores a fim de obter e/ou fornecer orientações específicas para o caso do paciente. (TRENTINI, 2018, p. 174)

Sendo assim, vimos que esse trabalho em conjunto tem muitos benefícios, agregando conhecimentos aos profissionais que atuam na escola. Permite, por exemplo, elaborar estratégias que visam favorecer o processo de ensino e de aprendizagem e ainda contribuir para um progresso significativo da criança que possui essa dificuldade.

A última questão dessa categoria tratou sobre a possibilidade de trocas entre os pedagogos e os demais profissionais a respeito da criança. As respostas estão elencadas na tabela abaixo, onde sete participantes responderam.

Quadro 8 - Trocas entre os pedagogos e demais profissionais

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
1- <u>Conhecimentos específicos de área</u> que desconheço.	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecimentos específicos da área.

EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIAS CENTRAIS
2- Conversar sobre como está o <u>desenvolvimento da criança</u> e também, <u>troca de ideia de atividades e intervenções</u> .	<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolvimento da criança; ● Troca de ideia de atividades e intervenções.
3- <u>Conversas e troca de estratégias</u> para melhor trabalhar.	<ul style="list-style-type: none"> ● Conversas; ● Troca de estratégias.
4- Nem todas as crianças frequentam outros profissionais, mas aos que conseguem esse apoio, geralmente a troca de informações ocorre ao fim de cada bimestre ou trimestre, com reuniões para <u>troca de informações sobre o desenvolvimento da criança</u> ao longo do período, além de <u>compartilhar possíveis abordagens futuras</u> .	<ul style="list-style-type: none"> ● Troca de informações sobre desenvolvimento; ● Compartilhar possíveis abordagens futuras.
5- No caso da suspeita de autismo, a <u>fono vem até a escola conversar comigo</u> uma vez por mês, onde trocamos <u>"figurinhas"</u> .	<ul style="list-style-type: none"> ● Conversa; ● Troca de "figurinhas".
6- Sempre no dia em que a fono atende na escola, <u>conversamos sobre o aluno e buscamos auxiliá-lo</u> . Acho válido <u>ouvir dicas para que possa encontrar a melhor forma de desenvolver</u> o mais rápido possível a fala correta.	<ul style="list-style-type: none"> ● Conversa sobre o aluno; ● Dicas para encontrar a melhor forma de auxiliar.
7- <u>Trocamos informações, sobre o que um pode auxiliar o outro</u> .	<ul style="list-style-type: none"> ● Troca de informações.

Com base nas ideias centrais mencionadas na tabela, podemos entender que a postura dos profissionais especializados juntamente com a escola e com os professores, apontam a necessidade do diálogo permanente. Percebemos que as respostas são bastante parecidas, variando de simples conversas a respeito do aluno e seu diagnóstico, até dicas de atividades e modos de trabalho para um melhor desenvolvimento da fala e da linguagem da criança.

A Fonoaudiologia tem muito a oferecer, como parte integrante da equipe pedagógica, agregando conhecimentos sobre a comunicação humana, que são de sua competência, assim como discutindo estratégias educacionais que possam favorecer o processo de ensino e aprendizagem. (FONOAUDIOLOGIA, 2016, p. 04)

Assim, vemos como o fonoaudiólogo tem um papel significativo dentro das escolas, tendo em vista não somente a assistência da criança que ele acompanha, mas também com o coletivo do grupo. De acordo com os Sistemas de Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia (2016), esse profissional poderá, acompanhado da equipe educacional, realizar diversas ações como, por exemplo: contribuir para a inclusão efetiva dos alunos com necessidades educacionais; realizar ações promotoras de saúde que resultem no desenvolvimento do aluno, no que se refere a linguagem oral, escrita, audição e voz; discutir e eleger estratégias que favoreçam o trabalho com alunos que apresentam dificuldades na fala, linguagem oral e escrita; orientar as famílias; participar de formação continuada e capacitação aos professores e equipes escolares sobre assuntos fonoaudiológicos; encaminhamento de alunos para exames específicos; entre outros.

Dessa maneira, conseguimos compreender de maneira efetiva a percepção do pedagogo sobre o desenvolvimento da fala das crianças pequenas, com base nas suas próprias falas e experiências vividas no cotidiano da sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada e dos resultados obtidos acerca da temática do Papel do pedagogo no processo de desenvolvimento da fala das crianças pequenas, como requisito parcial para a titulação de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia, entendo a importância deste assunto e como ele afeta o desenvolvimento integral das crianças na pré-escola da Educação Infantil.

A pesquisa qualitativa com ênfase no Discurso do Sujeito Coletivo, constituída através de um questionário do *Google Forms*, foi significativa ao estudo, pois permitiu responder o problema de pesquisa desta monografia, sendo ela: Quais ações podem ser desenvolvidas pelo pedagogo a fim de auxiliar no desenvolvimento da fala nas crianças da pré-escola?

As respostas obtidas e analisadas de treze pedagogos que participaram, em conjunto com o referencial teórico abordado, confirma a necessidade de qualificar os pedagogos para a compreensão do desenvolvimento da fala e a linguagem como elementos necessários para o desenvolvimento infantil, tanto nos meios pedagógicos e de aprendizado, quanto na questão de sociabilidade e interação. Nota-se que os pedagogos participantes do questionário semi-estruturado estão bastante envolvidos na busca pela compreensão do desenvolvimento da fala, apesar de muitos não terem total conhecimento no assunto. Ainda assim, buscam realizar atividades que auxiliem e estimulem esse processo na primeira infância.

Porém, ao observar os documentos normativos vigentes da educação brasileira, percebemos a grande defasagem que os mesmos possuem ao mencionar o desenvolvimento da fala. Na maioria deles, essa temática é pouquíssimo desenvolvida, apresentando lacunas que realmente deveriam ser observadas no desenvolvimento. A grande maioria dos pedagogos busca orientação nestes documentos para realizar seus planejamentos e, como a temática da fala é minimizada nos documentos legais, acaba que os pedagogos também não propiciem atividades nessa área de maneira abrangente dentro da sala de aula.

Outro ponto importante é que o diagnóstico foi feito pelos próprios pedagogos, sobre a inserção em suas aulas de atividades que estimulam a fala, para tentar suprir a necessidade que algumas crianças têm em relação ao desenvolvimento da linguagem.

Devemos levar em consideração também a resistência da família ao procurar auxílio especializado para os casos de dificuldade na fala, o que torna o processo de desenvolvimento mais lento. Isso pode acarretar outros desafios para as crianças, como a dificuldade de interação, baixo repertório de palavras, atraso em alguns aprendizados no começo da alfabetização, entre outros.

Levando em consideração as situações mencionadas, o pedagogo deveria estar melhor capacitado para lidar com estas situações que podem fazer parte da rotina escolar. Por isso, enfatizo a importância de uma formação continuada e de maiores recursos para os docentes se especializarem.

Seria importante que os documentos normativos revissem suas considerações sobre desenvolvimento da fala, enfatizando mais a sua importância, como: procedimento em caso de desconfiância de atrasos; locais para buscar auxílio; tipos de atividades adequadas ao grupo etário, entre outras ações.

Algumas limitações estiveram presentes na escrita desta monografia, principalmente devido ao curto prazo para a pesquisa, que acarretou em uma defasagem de conteúdos que poderiam ser abordados. Dessa maneira, acredito que trabalhos futuros possam vir a ampliar a presente pesquisa, desenvolvendo de forma satisfatória outros aspectos que também são imprescindíveis.

Por fim, saliento que essa monografia contribui grandemente para a minha formação docente, proporcionando o aprofundamento de um assunto que faz parte da minha vida pessoal e que está diretamente relacionado à atuação do pedagogo.

As aprendizagens com esta pesquisa foram de grande valia, enriquecendo o meu repertório pessoal e profissional, onde me fez perceber o quanto a linguagem é mais do que um simples ato de desenvolvimento. A linguagem é algo que nos torna humanos de verdade, que nos insere na sociedade e que nos faz vivenciar tudo de maneira completa.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Reformulação do livro sobre Dostoiévski**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p.337-57.
- BARBOSA, Daniela. **Quais as Etapas do Desenvolvimento da Linguagem**. 2017. Disponível em: <https://fofuuu.com/blog/quais-as-etapas-do-desenvolvimento-da-linguagem/>. Acesso em: 20 maio 2021.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. 2000. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: Acesso em: 18 maio 2021.
- CALDAS, Ana Caroline del Bem; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. Discurso sobre o brincar em contexto de pandemia e as consequências para o desenvolvimento infantil. **Educação Básica em Foco**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 4, p. 1-6, mar. 2021.
- CFRF. **Contribuições do fonoaudiólogo educacional para seu município e sua escola**. Brasília: Sistemas de Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia, 2016.
- CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. Contribuições da Pesquisa Psicogenética para a Educação Escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Araraquara, v. 21, n. 3, p. 289-296, dez. 2005.
- CONGRESSO NACIONAL. **Constituição (1996)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília,
- DESPORTO, Ministério da Educação e do. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Mec/Sef, 1998. 101 p.
- DIAS, Fernanda. **O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem**. 2010. 13 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Linguística, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fala/>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- EDUCAÇÃO, Ministério da. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: Brasil, 2013. 565 p.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

GABANINI, Adriana Pizzo Nascimento. **A Voz Humana**. 2003. Disponível em: <http://www.profala.com/arttf57.htm>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GALLI, Glória. **As flexões verbais**. 2013. Disponível em: <http://www.lpeu.com.br/q/119md>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloisa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005. 256 p.

LIMA, Ana Caroline; ALVES, Jaíne Prislaine. **Como ocorre a aquisição da linguagem oral da criança da fase sensório-motora à pré-operatória**. 2016. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium, Lins, 2016.

MACHADO, Quélen Daiani Zanoelo. **Socializar brincando: uma experiência prática na educação infantil**. 2019. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MALACARNE, Juliana. **Desenvolvimento da linguagem: o que esperar de cada fase. o que esperar de cada fase**. 2015. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Os-primeiros-1000-dias-do-seu-filho/noticia/2015/11/desenvolvimento-da-linguagem-o-que-esperar-de-cada-fase.html>. Acesso em: 20 maio 2021.

MARTINS, Raquel Márcia Fontes; MARIANO, Lara Fernandes. Aquisição Fonológica do Português: um estudo longitudinal. **Revista do Gel**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 148-169, 2 set. 2020. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i2.2742>.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. **Pensamento e Linguagem: percurso piagetiano de investigação**. 2006. 9 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PRATES, Letícia Pimenta Costa Spyer; MARTINS, Vanessa de Oliveira. Distúrbios da fala e da linguagem na infância. **Revista Médica de Minas Gerais, Belo Horizonte**, v. 1, n. 1, p. 54-60, jan. 2011.

SABINI, Maria Aparecida Cória. **Psicologia aplicada à educação**. São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS, Flaviane dos Anjos. **O Papel da Pré-Escola Para o Ingresso no Ensino Fundamental**. 2016. 10 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade São Luís de França, Aracaju, 2016.

SASSO, B. **Pensamento, Linguagem e Língua Escrita Segundo a Epistemologia Genética**: Processos E Construções Análogos. Marília,SP: UNESP,2016.

SOUZA, Natália Moreira de; WECHSLER, Amanda Muglia. **Reflexões sobre a teoria piagetiana: o estágio operatório concreto**. 2014. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Centro Universitário Unifafibe, Bebedouro, 2014.

TRENTINI, Juliana. **Aprendendo a Falar**: do gugu-dadá ao mamãe me dá. São Paulo: Much Editora, 2018. 223 p.

APÊNDICE

APÊNDICE I - TERMO DE ACEITE

TERMO DE ACEITE - Aceito participar da pesquisa sobre o papel do pedagogo no desenvolvimento da fala das crianças pequenas, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Backes Welter, da Universidade de Caxias do Sul - UCS. A presente pesquisa tem como objetivo geral: Compreender o papel do pedagogo diante do desenvolvimento da fala das crianças pequenas, enfatizando seu papel na pré-escola. Para o desenvolvimento desta pesquisa será utilizada a Metodologia Qualitativa com ênfase em pesquisa bibliográfica e no discurso do sujeito coletivo, proposto por Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre (2005).

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

* O cumprimento das determinações éticas do CNS/CONEP, Resolução No. 510, de 07 de abril de 2016;

* A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;

* A garantia de que não haverá nenhuma despesa que seja decorrente da participação dessa pesquisa. No caso do não cumprimento dos itens acima, tomo a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

()SIM

()NÃO

APÊNDICE II - QUESTIONÁRIO

PAPEL DO PEDAGOGO NO DESENVOLVIMENTO DA FALA DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Olá! Chamo-me Natália Fabro Peroni, sou acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e estou realizando meu Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Professora Dra. Cristiane Backes Welter, com o tema intitulado “Papel do Pedagogo no processo fonológico das crianças pequenas (04-05 anos)”, com o objetivo de compreender o papel do pedagogo diante do desenvolvimento da fala das crianças pequenas, enfatizando seu papel na pré-escola.

Convido você, PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL, que atua na etapa da pré-escola, para me auxiliar nessa pesquisa, respondendo esse questionário.

Desde já agradeço.

E-mail para contato: nfperoni@ucs.br

1) Sexo:

() Feminino

() Masculino

2) Qual a sua idade?

() Menos de 18 anos

() Entre 19 e 30 anos

() Entre 31 e 40 anos

() Entre 41 e 50 anos

() Mais de 50 anos

3) Qual a sua formação?

() Magistério

() Ensino Superior Incompleto (Pedagogia)

() Ensino Superior Completo (Pedagogia)

() Outras licenciaturas

- 4) Há quanto tempo você trabalha na área da educação?
- Menos de 2 anos
 - Entre 2 a 5 anos
 - Entre 6 e 10 anos
 - Entre 11 e 20 anos
 - Entre 21 e 30 anos
 - Mais de 30 anos
- 5) E com crianças da pré-escola (04 - 05 anos)?
- Menos de 2 anos
 - Entre 2 a 5 anos
 - Entre 6 e 10 anos
 - Entre 11 e 20 anos
 - Entre 21 e 30 anos
 - Mais de 30 anos
- 6) A instituição que você atua é?
- Pública Estadual
 - Pública Municipal
 - Particular
- 7) Você identifica na sua turma crianças com dificuldades na fala?
- Sim
 - Não
- 8) Se você respondeu sim na questão anterior, qual a dificuldade na fala que essa criança possui?
- 9) Além de sua formação inicial, você possui alguma formação específica sobre desenvolvimento da linguagem? Se sim, cite qual.

- 10) No seu planejamento, você destina momentos específicos para trabalhar a fala das crianças?
- () Sim
- () Não
- 11) Se respondeu que sim na questão 9, cite que tipos de atividades você realiza para esse fim.
- 12) Essas crianças que você identificou com dificuldades na fala possuem diagnóstico médico? Se sim, explique um pouco sobre o caso. Se não, por que você identificou essa dificuldade na criança?
- 13) Qual é seu grau de conhecimento sobre dificuldades na fala?
- () a) Sei tudo o que é necessário para trabalhar pedagogicamente.
- () b) Não sei tudo, mas sempre procuro me informar sobre como melhorar meu trabalho pedagógico.
- () c) Não acho que isso seja função pedagógica do professor.
- 14) Você percebe interferências das crianças com dificuldades na fala perante o ensino-aprendizagem? Quais?
- 15) Em relação a sua formação, você considera que a graduação ou outra modalidade de ensino, tenha dado aporte teórico e/ou prático sobre o processo de desenvolvimento da fala das crianças? Explique sua resposta.
- 16) Qual é a relação da escola com a família da criança que possui essa dificuldade?
- () a) Ótima, trabalhamos juntos.
- () b) Não temos muito contato com a família.
- () c) Razoável, sabemos somente algumas coisas sobre o caso.
- 17) Se essa criança com dificuldade na fala frequenta outros profissionais (fonoaudiólogo/neurologista), você professor, tem acesso a eles?
- () a) Não, mas gostaria.
- () b) Não, e não vejo necessidade.
- () c) Sim, acho válido para o desenvolvimento da criança.

- 18) Se você respondeu sim na questão anterior, que tipo de troca você e o outro profissional fazem a respeito da criança?
- 19) Gostaria de deixar mais algum comentário sobre o desenvolvimento da fala de crianças pequenas, que não foi discutido anteriormente?